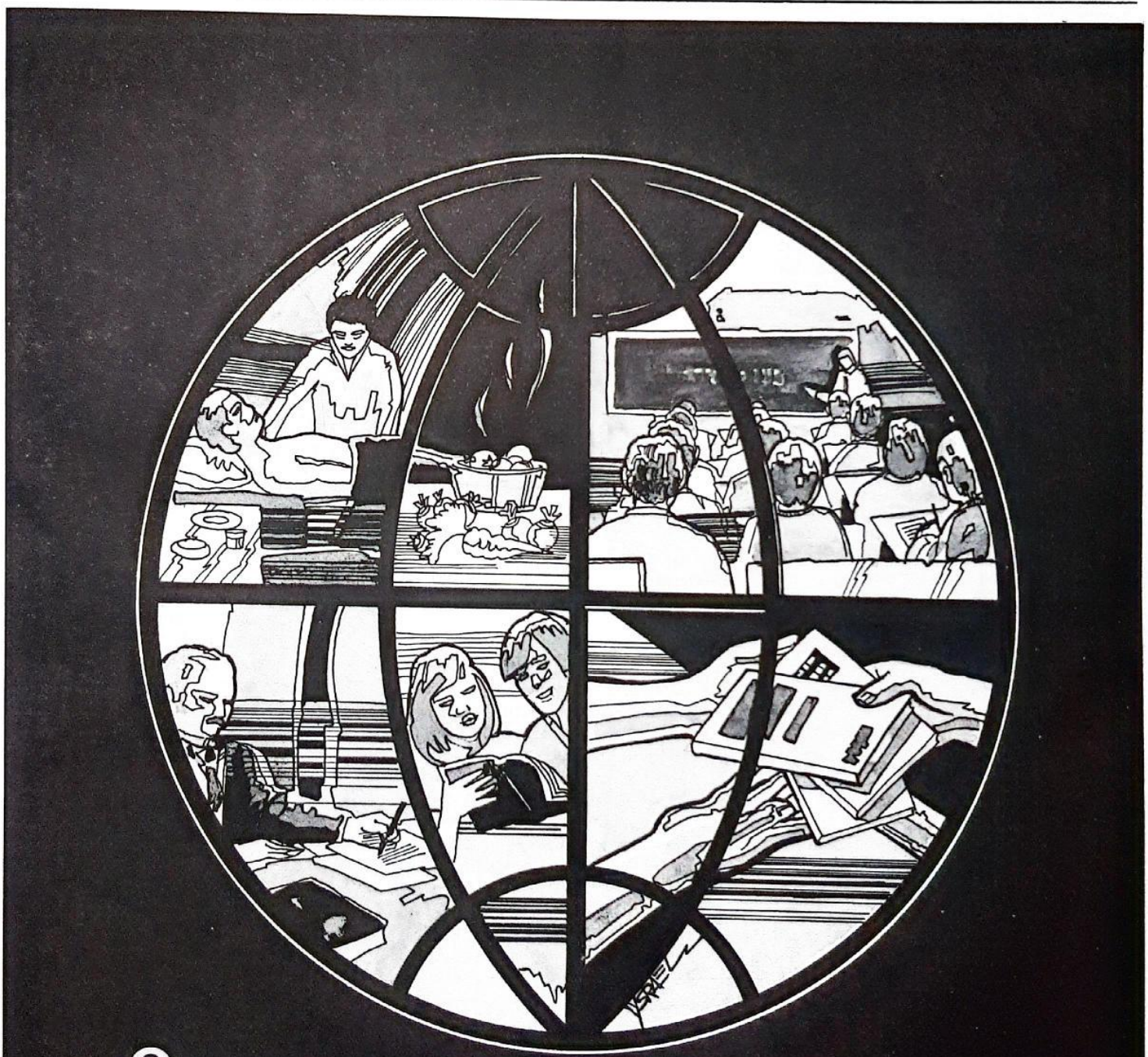
OBSERVADOR
da verdade

Novembro-dezembro/88

Ano 48 - Nº 6



O EVANGELHO POSTO EM PRÁTICA

"NÃO ANDEIS ANSIOSOS"

Matheus Sousa

Quatro grandes questões caracterizam esta última geração. Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Onde moraremos?

Esta é uma geração cheia de ansiedade, preocupada com o dia de amanhã; a preocupação com o futuro leva muitos a passarem noites indormidas.

O Salvador, lançando um olhar profético, contemplou os últimos anos do século XX e viu esta geração atribulada e cheia de maus presságios, vivendo dias trabalhosos.

Eis o Seu conselho: "Portanto não vos inquieteis dizendo: Que havemos de comer? ou que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã: porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal." Mt 6:31, 34.

Dando este conselho, não estava Cristo sugerindo que fôssemos indolentes, nem tão pouco estava apoiando o preguiçoso, de maneira nenhuma. O que Ele condena é a prática, muito comum, de nos preocuparmos e andar ansiosos em relação a dificuldades que o futuro nos possa trazer.

Conquanto vivamos num mundo de pecado, com perturbações e sofrimentos por toda parte, não devemos aumentar os fardos da vida antecipando provações que não vieram ainda. Isso nos faz sentir mal e lança como que uma sombra sobre todos os que nos rodeiam.

Jesus empregou muitas ilustrações para mostrar como Deus provê às necessidades de Suas criaturas. Chamou a atenção para as aves do céu, que não semeiam nem segam, mas são alimentadas por nosso Pai celestial. Ao trinarem elas suas alegres notas de louvor, deixemos que nosso coração se lhes una com cânticos de ação de graças e confiança.

Qual Era a Confiança de Paulo

"Meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus." Fl 4:19.

Habacuque já Havia Revelado a Mesma Confiança

"Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto nas vides; ainda que falhe o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que o rebanho seja exterminado da malhada e nos currais não haja gado; todavia eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação." Hc 3:17, 18.

Quando Abraão Lincoln era pregador itinerante, tinha muitas vezes que atravessar rios caudalosos. Certa noite, quando chovia muito, achava-se numa estalagem próxima do rio Fox. Na mesma estalagem estava também o ministro encarregado daquela região. Lincoln estava ansioso para saber se o rio dava passagem, e perguntou ao ministro sua opinião. O velho pastor disse: "Vivo neste distrito há muitos anos, e tenho atravessado o rio muitas vezes, mas tenho para mim uma regra com respeito ao rio Fox. Nunca o atravesso antes de chegar à sua margem."

Qual o Único Remédio para a Ansiedade?

O único remédio para a ansiedade é confiar no cuidado de Deus.

"No caminho que conduz à cidade de Deus não há dificuldades que os que nEle confiam não possam vencer. Não existem perigos de que não lhes seja possível escapar. Não há uma tristeza, uma ofensa, uma fraqueza humana para a qual não haja Ele provido o remédio." CBV 249.

"Quando sois assaltados pelas tentações, quando o cuidado, a perplexidade e as trevas parecem circundar vossa alma, olhai para o lugar em que pela última vez vistes a luz... Entrando em comunhão com o Salvador, penetramos na região da paz." Idem 250.

Cultivemos Uma Atitude de Animação

"Qual de vós poderá com todos os seus cuidados acrescentar um côvado a sua estatura?"

A preocupação não só é inútil; é também prejudicial à saúde física e espiritual da alma; portanto cultivemos uma atitude de animação, confiança e louvor. Assim como Deus atenta para as flores e cuida de todas as suas criaturas, não deixará Ele de cuidar de nós. Somos muito preciosos à Sua vista.

A Serva do Senhor Escreveu:

"O grande Artista-Mestre chama nossa atenção para as flores do campo, destituídas de alma, e aponta para os belos matizes e a maravilhosa variedade de nuances numa só flor. Assim revelou Deus Sua habilidade e cuidado. Assim Ele mostrou o grande amor que tem para com toda criatura humana. Cada flor é uma expressão do amor de Deus." 5BC 1086.

Estimado leitor, que tenhamos uma confiança inabalável nas promessas de Deus, e não O ofendamos pondo em dúvida Sua palavra. Amém.

NESTE NÚMERO:

ÍNDICE

Artigos:

Qual a Verdadeira Origem do Natal? 4
Patrimônio White — O Que Há de Inédito ... 6
O Evangelho Posto em Prática 14
Carta aos Romanos 18

Seções:

Editorial 2
Justificação Pela Fé 8
Bibliologia III 12
Noticiário 19
Página Juvenil 25
Aconselhamento 26
Família Cristã 28
Consultoria Bíblico-Doutrinário 31

ROTEIRO DE EDIÇÃO

Fim de ano. Natal. Festas. Todo mundo parece envolver-se com a música, as cores, as luzes, a alegria que é notória nessa época do ano. Sem nos determos em considerações sobre a origem do Natal — assunto de nosso artigo de capa — devemos considerar um fato de suprema importância: Jesus nasceu. Se foi dia 25 de dezembro, ou outra data qualquer, não importa. Para nós que professamos o cristianismo, importa o fato. E o nascimento de Cristo é a nossa força e a nossa esperança.

Que seria do mundo se Ele não houvesse nascido? A Bíblia teria Malaquias como último livro. O Evangelho do amor, do perdão, da esperança, não existiria. Não haveria nenhuma possibilidade de salvação. O cordeiro continuaria sendo inutilmente sacrificado em símbolos destituídos de significado. Na morte, a cruel e eterna separação — sem ressurreição, sem esperança — "o pó ao pó, a cinza à cinza".

Mas, graças a Deus, Cristo nasceu. E em Seu nascimento, vida, morte e ressurreição, reside a esperança de cada um de nós.

Seja Ele constante em nossa vida. Não só no Natal, não só na igreja, não só em momentos especiais. Mas minuto a minuto. Dia a dia. Sempre.

OBSERVADOR
da verdade

N.º 6 — Novembro-dezembro/88 — ANO 48

Órgão Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia — Movimento de Reforma no Brasil. Dedicado à proclamação dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus. Editado bimensalmente pela Editora Missionária "A Verdade Presente". Caixa Postal 135 — Rua Flor de Cactus, 140 — Jardim Quinta da Boa Vista — 08580 — Itaquaquecetuba, SP — Fone: 464-3888.

Gerente Geral: Gerson S. Barros. **Editor Chefe:** Olyntho S. Soares. **Editor Executivo:** José Barbosa da Silva. **Editores Associados:** Daniel S. F. Boarim e Isaías Siqueira Lima. **Revisor Teológico:** Matheus Souza. **Diagramação e Arte:** Juarez Pereira, Mariano Santiago e Israel Castromonte. **Preparação de Originais:** Alvaner Agard Feitosa, Elizabeth Toledo Contreras. **Fotocomposição:** Iliana Dalmazzo Sato. **Depto. de Assinaturas:** Marcos Devai.

As notícias para o bimestre devem estar na redação até o dia 15 do primeiro mês.

QUAL A VERDADEIRA ORIGEM DO NATAL?

José Barbosa

Até o início do mês de dezembro vindouro, milhares e milhares de cartas, procedentes de todos os quadrantes do globo, deverão chegar aos correios da cidade de Montreal. É que crianças de todo o mundo estarão remetendo suas cartinhas a Papai Noel (que, como acreditam muitos, vive no Canadá), pedindo-lhe que, na noite de Natal, desça pela chaminé de suas casas e deixe dentro das meias que ficam penduradas na janela da frente, uma bola de couro, um carrinho a pilha ou uma boneca que canta parabéns. Tal é o sonho acalentado por milhões de coraçõezinhos.

Essa imagem familiar, mais vívida ainda quando se aproximam as festas de fim de ano, merece honesta e sincera consideração de nossa parte. Que é o Natal? Qual a sua verdadeira origem? Quem é Papai Noel? Ele existe? Neste breve estudo procuraremos transmitir-lhe um histórico dessa tradicional festa que toda a cristandade alega ser a comemoração do nascimento de Jesus Cristo, bem como levá-lo à análise da correta atitude do cristão quanto às comemorações natalinas.

1. Origem do Natal

À pergunta: Que é o Natal? Qualquer pessoa responderá sem hesitação: É a festa que celebra o nascimento de Jesus. Essa é a crença geral. Porém, tanto a Bíblia como a história não fornecem nenhuma base para que assim se creia. Não existem dados suficientes para determinar o mês ou o dia específico deste acontecimento singular.

Ao que se sabe, até o final do terceiro século da era cristã nenhuma festa de Natal era conhecida. Muito pelo contrário, os primeiros cristãos pós-apóstolicos sentiam profunda aversão por qualquer solenidade natalícia, reputando-as taxativamente pagãs. Orígenes, teólogo e exegeta de Alexandria, chegava mesmo a afirmar que somente ímpios, como os faraós e Herodes, celebravam o dia do nascimento.

O mais antigo registro de 25 de dezembro como festa religiosa está no calendário filocaliano (de *Furus Philocalus)* publicado em 354 d.C. *(SDA Bible Student's Source Book*, p. 242). Ainda nesse mesmo ano, no catálogo das festas, chamado *Depositio Martyrum*, aparece a festividade do dia 25 de dezembro sob a epígrafe "VIII Kal. Ianuariinatus Christus in Betleem Iudeae". Conforme testemunho de Clemente de Alexandria, até o início do terceiro século não havia um consenso quanto à data: uns festejavam o evento no dia vinte de abril; outros, vinte de maio; outros, ainda, afirmavam que o nascimento de Cristo teria sido aproximadamente no mês de outubro, visto que os pastores, segundo o relato bíblico, estavam no campo, guardando o seu rebanho durante as vigílias da noite (Lc 2:8). Ora, o frio nos meados de dezembro naquela região é muito intenso e decerto impediria que os pastores pernoitassem no campo com os rebanhos. Nessa época do ano, normalmente, as ovelhas permanecem no aprisco à noite, enquanto os pastores dormem em casa. O certo é que Roma, por influência do bispo Libério, acabou fixando o dia 25 de dezembro como a data oficial da Natividade. A Igreja armênia ainda conserva o Natal no dia 6 de janeiro. (H. H. Wernecke, *Christmas Customs Around the World).*

O que os fez eleger esse dia? Que tipo de influência foi exercida?

Das hipóteses apresentadas, a mais lógica e mais aceita é a do *natale solis invicti*, "nascimento do Sol invicto". Segundo ela, o Natal originou-se no paganismo. Os antigos romanos celebravam umas festas hibernais denominadas *saturnais*, que tinham início em 17 de dezembro e iam até o dia 24 do mesmo mês. Em seu livro *Ancient Italy and Modern Religion*, o doutor Conway descreve-as: "De mútuo acordo, a vida cotidiana tornava-se desordenada; as pessoas desistiam de efetuar trabalhos sérios e, quando não estavam festejando em casa uns dos outros, perambulavam pelas ruas dizendo uns aos outros 'IO SATURNALIA', assim como dizemos 'FELIZ NATAL'... Nesta festa esperava-se que alguém desse presentes a todos os amigos; ... Uma pessoa triste não era considerada sociável durante os festejos."

Mal terminavam as saturnais, os romanos encetavam os festejos das calendas de Ano Novo. "Em meio a este período de diversão geral — explica *The Story of Christmas* — havia um dia separado para especial reverência ao Sol, cujo aparente renascimento no solstício de inverno provera originalmente o pretexto para todos estes variadíssimos folguedos pagãos. Este dia era considerado o *Dies Solis Invicti Nati* (O Dia do

Nascimento do Sol Invencível) e caía no que corresponde ao dia 25 de dezembro do nosso calendário."

A festa do Sol invencível era dedicada a Mitra, deus do Sol e do fogo, divindade indo-ariana que a mitologia romana tomou de empréstimo à religião de Zoroastro, a qual, por sua vez, o recebeu dos antigos babilônios adoradores do deus-sol *Shamash*. "Há estranhos paralelos", reconhece o historiador Pimlot, "entre os costumes natalinos e as celebrações do Ano Novo de Babilônia". (The Englishman's Christmas).

Mitra, segundo a lenda pagã, nasceu à meia-noite (alguma semelhança com a tradicional Missa do Galo?) do dia 24 para o dia 25 de dezembro, dado à luz por uma pedra, e adorado pelos pastores. Na varonilidade, derrota um touro, razão pela qual se tornou o deus preferido dos soldados e imperadores. Menciona-se que o próprio Constantino tenha mandado cunhar moedas com a inscrição *soli invicto comiti*, tanta era a popularidade e a aceitação do mitraísmo no Império Romano, em cuja extensão total havia santuários.

Como sabemos, o caminho percorrido pelo globo terrestre ao redor do Sol em 365 dias e 6 horas tem a forma de uma elipse. A noite de 24 para 25 de dezembro era a maior do ano, conforme os conhecimentos astronômicos de então, porque a Terra se encontrava no extremo da referida elipse, isto é, no solstício de inverno. O dia 25 de dezembro, consagrado ao deus Mitra era, portanto, o *Dies Solis Invicti Nati* em virtude de iniciar-se o domínio da luz do Sol sobre as trevas por um período diário maior, deixando, conseqüentemente, menor espaço de tempo para os espíritos maus atormentarem a humanidade. Destarte, em todas aquelas regiões o dia 25 de dezembro era comemorado como dia santo anual. (João Rabello, "As Origens do Natal". O *Atalaia*, dezembro de 1973).

Como é de supor, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, os líderes da igreja cristã acharam por bem "cristianizar" o *Dies Solis Invicti Nati*, associando o nascimento do Sol invencível com o nascimento do Filho de Deus, algumas vezes referido nas Escrituras como o "Sol da justiça" ou expressões similares (Sl 84:11; Ap 10:1). Desta maneira a festa pagã foi pintada com tinta cristã. Transformou-se numa festa litúrgica. Anos mais tarde, coube ao papa Silvestre (314-335) realizar oficialmente a obra de conferir à celebração mitraica o rótulo de Natal, com vistas a atrair a população romana para um cristianismo decadente.

"A idéia central das missas de Natal revela claramente esta origem: as noites eram mais longas e frias, pelo que, em todos esses ritos, se ofereciam sacrifícios propiciatórios e se suplicava pelo retorno da luz. A liturgia natalina retoma esta idéia e identifica Cristo com a verdadeira luz do mundo." *(Enciclopédia Barsa*, artigo "Natal").

2. Origem das Representações Natalinas

a) *Árvore de Natal.* Esta armação arboriforme, natural ou artificial, ornamentada com luzes, bolas coloridas e brilhantes fibrilas, que se monta na sala principal da casa, para decoração natalina — não é preciso apresentar. Todos já conhecem: é a árvore de Natal. Mas qual sua origem?

A árvore de Natal é de origem germânica. Os antigos povos nórdicos, temendo que a densa escuridão de dezembro ocultasse o Sol, seguindo uma espécie de rito mágico, decoravam suas casas com agárico, azevinho, louro e outras plantas de folhas perenes, porque elas pareciam misteriosamente dotadas de uma energia sobrenatural de vida. Acendiam velas e fogueiras como querendo reanimar o Sol desfalecente. Ainda em certas partes da Europa, no dia 25 de dezembro procedia-se à queima cerimonial de um tronco, como propiciação para o retorno do Sol. A árvore foi adotada para substituir os sacrifícios ao carvalho sagrado de Odin. Corrobora Michael Harrison: "Aparentemente foi a fusão de dois velhos costumes — luzes e árvores de folha perene — o que nos deu nossa moderna árvore de Natal." *(The Story of Christmas).*

b) *Papai Noel.* Logo que se aproxima o Natal uma famosa personagem passa a freqüentar a imaginação infantil: um velhinho de casaco vermelho e barbas brancas, que flutua pelo céu numa carruagem puxada por renas voadoras, e que sai pelo mundo inteiro a distribuir dádivas. A história de Papai Noel reúne traços das lendas de São Nicolau, padroeiro da Rússia, que na noite de Natal chegava à Holanda montado num cavalo branco para dar brinquedos às crianças. Dependendo, porém, da nacionalidade, ele pode tomar diversos nomes, como Santa Claus, Père Noel, os magos Knecht Ruprecht, o elfo Julenissem, ou a bruxa La Befana *(The World Book Encyclopedia*, vol. 3, p. 144). Todos, contudo, não passam da personificação pagã de um deus generoso e ilusório, que tanto é usado pela especulação propagandística comercial nas épocas natalinas.

c) *Presépio.* Na tradição natalina, presépio é a representação do estábulo de Belém e das figuras que participaram, segundo o Evangelho, do nascimento de Cristo e das cenas que a ele se seguiram. O presépio foi introduzido em 1223, por Francisco de Assis.

Desde cedo foram incorporados ao folclore natalino três reis magos, tomados como os príncipes orientais que foram visitar Jesus infante (Mt 2:1), passando a compor o elenco cênico do presépio juntamente com Maria, José, o santo bebê e alguns animais domésticos. Isto constitui berrante desnaturação dos episódios bíblicos.

Em primeiro lugar, a Escritura não menciona *quantos* magos eram. A tradição que os distingue em número de três data do século quarto, quando a imperatriz Helena, mãe de Constantino Magno, unida a estudiosos da arqueologia, descobriu três esqueletos, e, julgando serem dos magos, supostamente assassinados por Herodes, exumou-os e transportou-os para Constantinopla. Lá foi que receberam pela primeira vez os nomes de Gaspar, Melchior e Baltasar, quase quatrocentos anos depois de mortos. Pasmem! Não fora o bastante, colocam os magos ao lado da manjedoura onde jaz o recém-nascido Jesus, incorrendo assim em flagrante anacronismo; haja vista que por haverem passado muito tempo seguindo a estrela, chegaram a Belém da Judéia quando Jesus já se encontrava em casa na companhia dos pais (Mt 2:1, 11, 16). Pode-se mesmo subentender de Mateus 2:16 que passaram cerca de dois anos seguindo a estrela.

continuação na página 11

PATRIMÔNIO WHITE

O QUE HÁ DE INÉDITO

Ron Graybill - *Depositário do Patrimônio White*

Cada ano centenas de turistas adventistas chegam a Washington, passeiam pela Casa Branca, sentam-se nas galerias do Capitólio e observam a demonstração da máquina-revólver no FBI. Contudo para a maioria, a atração principal de sua visita é o giro para conhecer a abóbada do Patrimônio White.

Durante o passeio que se realiza à nossa abóbada no piso inferior do edifício central da Associação Geral, mostramos aos visitantes as 120 gavetas em que se arquivam as cartas, os sermões e os artigos de Ellen G. White. Quando lhes informamos que existem 60 mil destes documentos, costumam perguntar: "Foi publicado tudo o que Ellen G. White escreveu?" Respondemos que não. Imediatamente surge a pergunta: "Por que não?"

É pouco conhecido o fato de que, logo após a morte de Ellen G. White, muitos líderes da igreja assumiram a posição de que ela já havia publicado o que desejava publicar. Acreditavam que os arquivos deviam ser fechados e que não se devia imprimir nenhum dos outros escritos provenientes de sua pena.

Talvez eles não estivessem bem inteirados da atitude da sra. White no que respeita a esta questão. Em seu testamento ela tomou providência para "a edição de compilações" de seus manuscritos. Referindo-se a seus diários, sempre disse: "Desejo que aquilo que tem valor se dê a conhecer" (Carta 127, 1910). Possivelmente alguns daqueles líderes da igreja que se opunham a qualquer publicação posterior dos escritos da sra. White, temiam que alguns dos conselhos diretos que haviam recebido pessoalmente pudessem tornar-se públicos. De fato, essa é uma das razões pelas quais nem todo o material tem sido publicado. Os conselhos relacionados com pecados e defeitos individuais (considerados como um segredo entre Deus, Ellen White e aqueles a quem foram dados), não são publicados a menos que o nome da pessoa seja suprimido e oculta sua identidade.

Em tais casos o tema geral quase sempre está encoberto nos escritos publicados, e como a revelação do fato de que uma determinada pessoa fraquejou em certas circunstâncias pode simplesmente manchar sua memória e pôr em situação embaraçosa a seus filhos e netos — muitos dos quais ainda vivem — não se publicam tais escritos.

Mesmo que se necessite do conselho, o Patrimônio White não terá dúvida em publicá-lo havendo eliminado previamente o nome da pessoa a quem foi dirigido.

Embora algumas das cartas de Ellen White não tenham sido publicadas, e talvez nunca o sejam, também é verdade que cada mês mais e mais material é liberado para publicação. Isto ocorre da seguinte maneira:

Os arquivos de cartas e manuscritos são usados constantemente pelo pessoal do Patrimônio White para o preparo de artigos, palestras, sermões e material de estudo. Além disso, várias das comissões da Associação Geral solicitam amiúde escritos de Ellen White relacionados com o tópico que estão estudando.

Os estudantes de nossos seminários em Michigan, EUA; Califórnia, EUA; Inglaterra; Montemorelos, México; Austrália e Vila Libertador San Martín, Argentina, usam constantemente estes arquivos para investigar os temas que lhes são designados em suas classes. Os pastores e os irmãos da igreja visitam e também fazem uso dos centros que se encontram nos lugares acima mencionados. Logo após a leitura de todos os materiais publicados, a pessoa está em condições de revisar o índice dos escritos não publicados e solicitar cópias destes para seu estudo em nosso centro.

Tão logo a pessoa decida que passagem ela gostaria de usar em seu trabalho, livro ou artigo, formaliza um pedido de publicação do manuscrito. Sem demora, um funcionário do Patrimônio White analisa o conteúdo do texto para certificar-se de que ele inclui o contexto necessário para sua compreensão; em seguida é datilografado e examinado na reunião mensal dos depositários do Patrimônio White.

Há treze depositários, nove deles eleitos vitaliciamente.

Quando algum deles se aposenta ou morre, os membros restantes elegem outro para seu lugar...

Ao analisar o pedido de publicação de um manuscrito, os depositários consideram uma série de fatores. Procuram saber se o manuscrito a ser dado a conhecer é realmente necessário. Talvez o referido texto simplesmente repita em forma diferente algumas palavras já publicadas em livro. Se assim for, pode ser citado o livro, já que é uma fonte mais acessível para todos.

Como já foi mencionado, os depositários desejam evitar a criação de dificuldades desnecessárias para os descendentes daqueles que receberam conselhos de Ellen White relacionados com pecados pessoais.

Ocasionalmente surge a pergunta acerca do propósito com que se faz determinada solicitação. Se se trata de pessoa que já fez uso irresponsável de tais materiais, pode haver certa resistência quanto à permissão para usar outros manuscritos inéditos. Os depositários têm de exercer prudência por causa dos fanáticos que se colocam num dos extremos, assim como dos críticos que se encontram no extremo oposto. Naturalmente, na hora de decidir, nem todos os depositários têm a mesma opinião. Por isso é importante que seja um grupo e não uma pessoa que tome as decisões. Por vezes, ao obter melhor informação, os depositários podem voltar atrás e modificar uma decisão previamente tomada.

Uma vez que uma carta ou passagem tem sua publicação autorizada, pode ser incluída numa tese publicada, num artigo, citada num sermão ou usada num livro. Quem quer que deseje uma cópia do material pode obtê-la.

Têm ocorrido muitos casos interessantes, entretanto em 95 por cento dos casos não existem problemas e a solicitação é deferida. Este sistema foi estabelecido no fim da década de 40, e mais de setecentos pedidos foram concedidos, alguns com a extensão de até quarenta páginas.

O processo para dar a conhecer os manuscritos prevê a publicação ordenada e acessível de material ainda não publicado. Não é por certo um sistema perfeito, e aqui simplesmente delineamos seus aspectos mais importantes. O Patrimônio White recebe com prazer opiniões e sugestões sobre como melhorar este sistema. Há um problema óbvio como o sistema de dar a conhecer os manuscritos: Muitas passagens interessantes e valiosas ficam sepultadas numa pesquisa estudantil e continuam fora do alcance de toda a igreja.

Para remediar essa situação, o Patrimônio White fez uma análise dos manuscritos cuja publicação fora autorizada, e selecionou os materiais mais importantes para uma nova compilação dos escritos de Ellen G. White, intitulada *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, que foi publicada em 1980 (em inglês).

É certo que muitas destas compilações dos escritos de Ellen G. White são freqüentemente criticadas. Algumas pessoas julgam que esses escritos não fornecem contexto suficiente, e preferem ler o artigo ou carta completos em sua forma original. Para satisfazer esta necessidade, o Patrimônio White publicou em seis grandes tomos todos os artigos de Ellen White que apareceram na revista *Review and Herald* desde os seus primórdios. Nas margens da reedição destes artigos da *Review* estão registrados os números das páginas das compilações em que aparece cada uma destas passagens. O mesmo se fez com os artigos de Ellen White que apareceram na revista *Signs of the Times*.

As pessoas que vivem próximas de nossos centros de pesquisa podem visitá-los e pedir que se lhes forneça em seu contexto original toda citação que já tenha sido publicada. Para os que moram afastados destes centros, nosso escritório em Washington propõe-se enviar-lhes, por empréstimo de sete dias, uma cópia do documento completo de que se tomou o parágrafo citado na compilação.

As compilações oferecem, em forma compacta, as linhas principais de um conselho sobre determinado tópico. O erudito certamente deseja aprofundar-se mais em um tema e pode fazê-lo num de nossos centros de pesquisa.

Nos primeiros anos, pode ter havido ocasiões em que os textos utilizados nas compilações tenham sido indevidamente breves. As compilações mais recentes tendem a usar grandes trechos de material. A compilação mais recente: *Mind, Character and Personality* (Mente, Caráter e Personalidade), levou mais de doze anos de trabalho. Ademais, muito tempo antes circulou em forma mimeografada entre os professores de psicologia para que a usassem em suas classes e contribuíssem com suas críticas e sugestões. Solicitou-se uma ampla gama de conselhos experimentados sobre formato, extensão, contexto e organização.

O Patrimônio White está também procurando maneiras de melhorar sua utilização na igreja, e está aberto a sugestões acerca de como pode ajudar a entender melhor e a apreciar mais os conselhos do Senhor transmitidos pelo Espírito de Profecia, mediante a pena de Ellen White...

Que estamos escondendo no Patrimônio White? Absolutamente nada. Estamos, pelo contrário, protegendo algo; estamos protegendo estes preciosos conselhos do mau uso e de um conhecimento deficiente, bem como os estamos preparando para publicação adequada, a fim de que a igreja os utilize.

MENSAGEM DE PAULO SOBRE A JUSTIFICAÇÃO

Ricardo Marín

O nascimento de Jesus foi o acontecimento mais surpreendente que já aconteceu sobre a Terra. Nada igual a isto ocorreu no passado. E nada igual poderá suceder jamais. O Excelso e Único Santo que habita na luz inacessível e na incompreensível majestade Se fez membro da família humana. O Criador do Céu, da Terra e das galáxias do espaço sem fim nasceu de uma mulher, cresceu no humilde lar de um camponês, viajou como um pregador itinerante, morreu em agonia e vergonha, levantou-Se da tumba e ascendeu ao Céu. Os doze apóstolos foram escolhidos como testemunhas oculares destes acontecimentos.

Depois, o Cristo que ascendeu ao Céu escolheu outro homem por meio do qual o Espírito Santo revelaria o verdadeiro significado daqueles acontecimentos históricos que os doze apóstolos testemunharam. É nos escritos de Paulo que o Evangelho dado aos hebreus em símbolos, sombras e promessas fica plenamente revelado. (Cl 1:25-27; Ef 3:1-8; Gl 1:12; 1 Tm 1:3; 2 Co 3:10; 2 Co 12:1-5, 12; Rm 16:25, 26).

O tema do Evangelho de Paulo era Cristo, e este crucificado para justificação dos pecadores (1 Co 2:2; Gl 1:4). É certo que os demais apóstolos também deram testemunho da salvação dos pecadores por meio de Jesus; porém Paulo nos mostra como é que o Evangelho é uma revelação da justiça de Deus (Rm 1:16, 17). Como pode um Deus justo justificar pecadores? Como pode a extensão da misericórdia para transgressores da Lei ser coerente com as exigências da Justiça divina? Estas são não só perguntas interessantes, mas que devem ser respondidas, se é que o homem rebelde há de reconciliar-se com o caráter de Deus.

A Justificação

A palavra-chave nos escritos de Paulo é **justificação.** Tanto no Antigo como no Novo Testamento as palavras **justificar** e **justificação** têm um significado legal e judicial bem definido; são palavras que estão intimamente relacionadas com a idéia de juízo ou teste (Dt 25:1; 1 Co 4:3; Mt 12:37). A palavra **justificação** pode ser definida como ser alguém declarado justo por um tribunal. Quando se diz que Deus justifica a um homem, quer-se dizer que seu caso foi levado a juízo diante de Seu Divino Tribunal e que, depois de examinar o caso, declarou-se o acusado tão livre de qualquer falta e culpa como se fosse todo ele justo e agradável à vista de Sua Santa Lei. Em português convencional, a palavra **aceitação** se ajusta bem ao significado de justificação.

Se **justificação** significa ser declarado justo ante o Tribunal da infinita justiça, quem então será justificado? Ai de mim. "Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce de mulher?" "Que é o homem, para que seja puro? e o que nasce de mulher, para ser justo?" "Eis que Deus não confia nem nos Seus santos; nem os céus são puros aos seus olhos, quanto menos o homem, que é abominável e corrupto, que bebe a iniqüidade como a água?" Jó 25:4; 15:14-16.

Em sua grande epístola dirigida aos romanos, o apóstolo propõe-se responder ao grito universal do coração humano: "Como, pois, seria justo o homem perante Deus? Jó 25:4. O significado da pergunta é: Que posso fazer para levar Deus a aceitar-me? Então a resposta de Paulo é enfática: Absolutamente nada!

Antes de apresentarmos o modo como Deus alcança o homem, o apóstolo expõe a inutilidade do modo como o homem tenta alcançar a Deus. Não há nem um justo, ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus, ninguém que faça o bem (Rm 3:10-12). Ninguém tem uma vida capaz de confrontar as normas da lei de Deus (Rm 3:19). "Visto que ninguém será justificado diante dEle por obras da lei..." Rm 3:20.

Paulo não diz simplesmente que ninguém pode chegar a ser justo à vista de Deus mediante sua forma de agir. Aqui ele usa o tempo futuro do verbo. Ele quer dizer que nenhum mortal virá jamais a ser considerado justo com base em sua própria vida. Nenhum homem pode enfrentar o juízo de Deus com uma consciência tranqüila se sua confiança descansa no mérito de sua própria vida. A razão fica firmemente estabelecida: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." Rm 3:23. Ou ainda, como declara Salomão: "Não há homem justo sobre a Terra, que faça o bem e que não peque." Ec 7:20.

A Atividade Salvadora da Trindade

Tendo abatido todo o orgulho humano, e havendo exposto a inutilidade de todos os meios humanos, o apóstolo nos mostra que a justificação do homem procede completamente de Deus:

"Sendo justificados gratuitamente, por Sua graça mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a que Deus propôs no Seu sangue como propiciação mediante a fé, para manifestar Sua justiça, por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação de Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus." Rm 3:24-26.

Estes três breves textos contêm a substância do Evangelho de Paulo; são maravilhosos em sua brevidade e alcance. O resto do livro pode ser considerado um desenvolvimento deles.

Note-se como estes versos cobrem a justificação sob três aspectos diferentes: por graça, por Cristo, e por fé. Aqui podemos ver a atividade salvadora das três Pessoas da Trindade: Deus, o Pai, nos justifica por Sua graça. Deus, o Filho, nos justifica dando-nos Sua vida, e Deus, o Espírito Santo, nos capacita a aceitarmos isto dando-nos fé.

Pela Graça Somente — A Fonte da Justificação

"Sendo justificados gratuitamente por Sua graça (a do Pai)..." Graça significa misericórdia e favor mostrado para com alguém que está perdido e nada merece. A fim de preservar a natureza gratuita da justificação, Paulo disse que os pecadores são justificados "gratuitamente" pela graça de Deus. A palavra "gratuitamente" significa "sem motivo" (ver João 15:25). Nenhum grau de crença, de obediência, de arrependimento ou de edificação do caráter pode levar Deus a considerar-nos alguma vez justos ante Seus olhos. Alguém já disse acertadamente que justificação pela graça significa a divina aceitação de pessoas que são em si inaceitáveis.

É importante notar também que Paulo não só está falando acerca de tornar-se justificado no início da vida cristã. Ele usa o tempo presente contínuo do verbo — "Sendo justificados..." Isto inclui o estado de **permanecer** justificados, tanto como o ato de **chegar** a ser justificados. Significa que nunca podemos ultrapassar a justificação pela graça. Não podemos permanecer no favor de Deus a não ser por pura misericórdia. A graça nos encontra pecadores, e permaneceremos justificados somente enquanto nos considerarmos pecadores à nossa própria vista. Se em algum momento pudéssemos apresentar-nos como aceitáveis diante de Deus baseados em nossa fé, nossa obediência ou qualquer excelência moral, já não seria justificação por graça.

Por Cristo Somente — O Modo da Justificação

Devemos também compreender a maneira pela qual a graça opera para fazer o pecador aceitável à vista de Deus. Diz-se que o modo de nossa justificação é... "mediante a redenção que há em Cristo Jesus" Rm 3:24. Também se diz que somos justificados "...pelo Seu sangue." Rm 5:9.

Os atos e a morte do Senhor Jesus constituem a única base de nossa aceitação para com Deus. Ele Se constituiu nosso substituto e garantia para pobres e perdidos pecadores. Em favor deles deu à lei uma obediência que se mede com seus mais altos reclamos. Em seu favor, pelas agonias da Sua morte, pagou à lei a dívida devida às transgressões.

ção de Cristo é a prova de que Deus aceitou a humanidade na pessoa de Seu Filho.

Alguém talvez pergunte: "Quer dizer que Deus já efetuou minha justificação através da morte de Seu Filho?" Ao que respondemos: Isto é precisamente o Evangelho. São as boas novas do que Deus fez. O sepulcro vazio é a prova de que Deus já perdoou nossos pecados e nos recebeu de volta a Seu favor real. Escute isto: "...Sua graça que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado." Ef 1:6.

"Acaso Deus efetuou nossa justificação fazendo algo completamente fora de nós?" A resposta de Paulo é um enfático Sim! Então prossegue provando-o mediante um contraste entre Cristo e Adão (Rm 5:15-19). Seu ponto central é: Quando Adão desobedeceu, a condenação e o pecado passaram a toda a raça humana. E isto aconteceu assim porque ele era nosso pai. Quando ele caiu, todos caíram. A condenação veio sobre nós, não por causa do que fizemos, mas por causa do que Adão fez (verso 18). "Pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores..." (verso 19). De modo que nós nos torna-

"A obediência ativa e passiva de Cristo foi suficiente para assegurar a justificação de todo pecador."

A obediência ativa e passiva de Cristo (Sua vida e morte) foi suficiente para assegurar a justificação de todo pecador. Disse o apóstolo: "...um morreu por todos, logo todos morreram". 2 Co 5:14. No que afeta à justiça, esta pode olhar a Cristo e considerar a todo homem como morto, como alguém que já satisfez plenamente as exigências da Lei. E isto é assim porque Cristo é o substituto de todo homem. Em vista disso, em sua epístola aos Romanos o apóstolo Paulo faz esta surpreendente declaração: "O Qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" — Rm 4:25. A justificação não se tem de assegurar. Ela já está segura. A ressurrei-

mos pecadores não por algo que aconteceu em nós, e sim por algo que aconteceu completamente fora de nós. Deus salvou a raça humana dando-nos outro pai: Jesus Cristo (Is 9:6). Da mesma maneira que todos foram condenados pelo que Adão fez, foram todos justificados pelo que Cristo fez. "...Por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida." Rm 5:18. Porque como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos." Rm 5:19.

De modo que é para sempre certo que a única base da aceitação para com Deus é o que Cristo já fez

por nós. Cristo, e unicamente Cristo foi encontrado agradável à vista de Deus. Existe somente uma razão para nossa aceitação para com Deus — o fato de que Cristo foi aceito. Sua obediência é a única base de nossa aceitação para com Deus no dia de hoje.

Pela Fé Somente — A Condição Para Receber Justificação

No que tange a Deus, Ele restituiu o mundo pecador ao Seu favor tão certamente como recebeu a Seu Filho no Céu. Na cruz se efetuou a justificação objetiva de todo pecador. Ali Deus redimiu a raça. Hb 9:12.

À luz do Evangelho o homem não pode formular a pergunta: aceitar-me-á Deus? Deus já respondeu a esta pergunta mediante a ressurreição de Cristo dentre os mortos. Porém Deus confronta o pecador com a pergunta: Aceitarás a tua aceitação? A fé é nosso "sim" em resposta a essa pergunta de Deus; é aceitar o fato de termos já sido aceitos. No que nos toca, é tornar-nos conscientes de algo que já está em existência. Por meio da fé, a bênção da justificação ou perdão é recebida e desfrutada. Este é o aspecto subjetivo da justificação.

Por isso o apóstolo declara: "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé independente das obras da lei." Rm 3:28. Não somos justificados devido ou por conta de nossa fé. Isto seria completamente contrário à justificação somente pela graça e somente por Cristo. Não há mérito na fé. Esta é simplesmente a mão que aceita a bênção. Nem pode a alma justificada conseguir crédito por causa da fé. Fora da graça o pecador carece de livre arbítrio, de desejo de buscar a Deus e do meio de ver a verdade. Aqui é onde atua a terceira pessoa da Trindade em matéria de justificação. Por meio do Evangelho, o Espírito ilumina a alma do pecador, mostra-lhe a cruz e o aproxima de Cristo. À medida que o pecador contempla o Único que o amou e Se entregou a Si mesmo por ele, o Espírito persuade o pecador de que o Evangelho é verdadeiro. Numa palavra, o Espírito lhe dá fé. De modo que Paulo declara: "Porque pela graça sois salvos mediante a fé, isto não vem de vós, é dom de Deus." Ef 2:8. "Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé." Gl 5:5.

Por outro lado, **não crer** é o pecado de resistir ao Espírito Santo. Conquanto o santo não possa reinvindicar nenhum crédito por causa da fé, o perdido tem que arcar com a plena responsabilidade devido a sua incredulidade. Ninguém é condenado por haver nascido pecador ou por ter natureza pecaminosa. Os homens são condenados somente por não crerem (Jo 3:35). Dessa forma recusam ser incluídos na expiação de Cristo, e ao cerrarem seus ouvidos contra o Evangelho, chamam a Deus de mentiroso (1 Jo 5:9, 10).

"A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ TRAZ MUDANÇAS RADICAIS NA VIDA DO CRENTE"

No quarto capítulo de Romanos o apóstolo Paulo nos mostra como a fé é contada por justiça (Rm 4:5). Deus imputa (ou credita) a justiça de Cristo na conta do pecador crente. Desta forma, o pecador é declarado como possuidor de boas relações com Deus. Essa justificação, que foi amplamente provida pela cruz, vem a ser posse pessoal do crente através da fé, de sua parte, e por imputação, da parte de Deus. A fé é levada em conta pela infinita justiça de Cristo, não devido a que haja mérito na fé mas devido ao fato de que a fé une o desvalido crente com o único em que habita toda a plenitude da divindade (Cl 2:9). O pecador não leva contribuição alguma a esta união exceto a desgraça de sua necessidade. Cristo confere a esta união todo o tesouro da eternidade. Assim como uma mulher pobre possui um nome de seu rico esposo e a glória de sua reputação, também o crente em Jesus está vestido no nome e na virtude de Jesus Cristo.

A justificação pela fé, somente, não é substituto para a obediência, mas constitui um poderoso estimulante para produzir toda verdadeira obediência. A alma que se apropria de sua aceitação no Amado fica tão submergida pela misericórdia e amor divino, que toda a sua vida fica dedicada ao serviço dAquele que a amou e Se deu a Si mesmo por ela. Ela Lhe serve, não a fim de ser aceita, mas porque foi aceita. Oferece-lhe suas obras, não como uma oferta pelo pecado, mas como uma oferta de agradecimento em vista de ter obtido o perdão de seus pecados. A fé é o poderoso progenitor de toda boa obra porque traz o Espírito Santo. A fé na obra de Cristo por nós traz o Espírito Santo para habitar em nós. (Gl 3:14; Jo 7:37, 38). Ele escreve a lei de Deus no coração (Hb 10:16) e o crente obedece motivado por uma convicção interna... e não por uma compulsão externa.

Salvos na Esperança

A justificação pela fé traz mudanças radicais na vida do crente (paz, gozo, amor, regeneração, santificação, obediência etc.). Sem embargo, nesta vida continua sendo verdade que o crente é justo unicamente por fé, nunca por visível realidade. É sua fé que é contada por justiça, não sua regeneração, nem sua santificação, nem sua obediência ou caráter cristão.

É certo que lhe é concedido o Espírito Santo como a garantia de sua herança em Cristo (Ef 1:13, 14), porém isto são somente "as primícias" do Espírito, o penhor e promessa que lhe são dados até o dia da redenção final (Rm 8:23; Ef 4:30). A posse do Espírito não leva o crente a sentir que já alcançou seu destino ou ao pensamento de que pode achar satisfação em sua própria experiência. Antes, o que faz o Espírito é estimulá-lo com ferventes anelos para o dia de Cristo, ocasião na qual receberá uma porção do Espírito que é impossível de alcançar nesta vida. A doutrina do segundo advento de Cristo é parte vital da mensagem do Evangelho de Paulo. (2 Tm 1:10; Fp 1:6; 1 Co 1:7,

8). Poderíamos dizer que existem dois grandes pontos na teologia paulina — a justificação e a vinda de Cristo. A primeira é um chamado para a fé; a segunda, para a esperança. O primeiro já temos; a segunda, ainda não. Possuindo a justiça pela fé, o crente espera, geme e anseia pela realização da justiça como uma realidade tangível no dia da salvação final. (Rm 8:23; Gl 5:5; Fp 3:9-12).

Onde quer que a verdade da justificação pela fé tenha sido ensinada e recebida, a esperança e expectativa pela breve vinda de Cristo se tem apossado da igreja. A igreja apostólica estava incendiada com a esperança da Parusia (vinda). Por outro lado, o extravio da verdade da justificação tem conduzido à perda correspondente da esperança escatológica (do dia final). Durante a era medieval os homens olhavam para o romanismo, como expressão do cumprimento humano. Não havia esperança na vinda de Cristo. Com o reavivamento da verdade da justificação os homens começaram novamente a buscar com ardor e esperança a vinda de Cristo. E, por fim, nestes dias finais o tempo alcançou sua plenitude para que dita verdade fique restabelecida ao lugar que lhe corresponde. A mensagem da justiça de Cristo deve soar de um a outro confim da Terra, e, por conseguinte, preparar o caminho para a vinda de Cristo em Seu reino de glória.

"Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho do Senhor; endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus. Todo vale será levantado, e será abatido todo monte e todo outeiro; e o terreno acidentado será nivelado, e o que é escabroso, aplanado. A glória do Senhor se revelará; e toda a carne juntamente a verá; pois a boca do Senhor o disse. Uma voz diz: Clama. Respondi eu: Que hei de clamar? Toda a carne é erva, e toda a sua beleza como a flor do campo. Seca-se a erva, e murcha a flor, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade o povo é erva. Seca-se a erva, e murcha a flor; mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente. Tu, anunciador de boas-novas a Sião, sobe a um monte alto. Tu, anunciador de boas-novas a Jerusalém, levanta a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aqui está o vosso Deus. Eis que o Senhor Deus virá com poder, e o Seu braço dominará por Ele; eis que o Seu galardão está com Ele, e a Sua recompensa diante dEle." Isaías 40:3-10.

(Continuação da pág. 5)

Em segundo lugar, há o acréscimo de burrinhos, vacas e aves à cena. Todos sabemos que os evangelhos não nos revelam este detalhe, imaginosamente inserido na tradição pelo concurso de livros apócrifos.

d) *Presentes e Cartões Natalinos.* Muitos encorajam a prática de dar e receber presentes no Natal, sob a alegação de seguir o exemplo dos reis magos, que "abrindo seus tesouros, ofertaram-Lhe (a Cristo) dádivas: ouro, incenso e mirra." Mt 2:11. É sábio, porém, considerar que eles não trocaram presentes entre si, mas presentearam a Criança. Isto não impede, porém, que proporcionemos real benefício aos nossos semelhantes ofertando-lhes algo de que necessitem. "É agradável receber um presente, mesmo simples, daqueles a quem amamos. É uma afirmação de que não estamos esquecidos, e parece ligar-nos a eles mais intimamente...

"Está certo concedermos a outros demonstrações de amor e afeto, se em assim fazendo não esquecemos a Deus, nosso melhor amigo." LA 478, 479.

Quanto à origem dos cartões natalinos, a história registra o seguinte: Por volta do ano 85 d.C. foram publicados dois livros do poeta Marcial. Eram eles *Xenia* e *Apophoreta*, cujos poemas eram destinados a serem copiados e enviados anexos aos presentes de Natal, a fim de lhes "acrescentar um agradável sabor literário" (Doutor Conway, op. cit.). Muitos desses versos eram apoteoses aos deuses, entre os quais composições que explicitavam termos imorais e de baixo calão. Entretanto, o bom senso não nos manda condenar o uso de cartões cujo conteúdo observe os padrões do bom gosto e da ética cristã.

"O dia 25 de dezembro é supostamente o dia do nascimento de Jesus Cristo, e sua observância tem-se tornado costumeira e popular. Entretanto não há certeza de que se esteja guardando o verdadeiro dia do nascimento de nosso Salvador. A História não nos dá certeza absoluta disto. A Bíblia não nos informa a data precisa. Se o Senhor tivesse considerado este conhecimento essencial para a nossa salvação Ele Se teria pronunciado através de Seus profetas e apóstolos, para que pudéssemos saber tudo a respeito do assunto. Mas o silêncio das Escrituras sobre este ponto dá-nos a evidência de que ele nos foi ocultado por razões as mais sábias.

"Em Sua sabedoria o Senhor ocultou o lugar onde sepultou Moisés. Deus o sepultou e o ressuscitou e o levou para o Céu. Este procedimento visava a prevenir a idolatria. Aquele contra quem se haviam rebelado quando estava em serviço ativo, a quem haviam provocado quase além dos limites da resistência humana, era quase adorado como Deus depois de separado deles pela morte. Pela mesma razão é que Ele ocultou o dia preciso do nascimento de Cristo, para que o dia não recebesse a honra que devia ser dada a Cristo como Redentor do mundo — Aquele que deve ser recebido, em Quem se deve crer e confiar como Aquele que pode salvar perfeitamente todos os que a Ele vêm. A adoração da alma deve ser prestada a Jesus como o Filho do infinito Deus". — *Review and Herald*, 9/12/1884.

BIBLIOLOGIA III

COMENTÁRIO À CARTA DE JUDAS

VERSO DOIS

Misericórdia, Paz e Amor
Vos Sejam Multiplicados

O verso dois é uma saudação cristã, consistente em votos de bênçãos e desejos de felicidade. Nas epístolas paulinas os cumprimentos observam uma expressão fixa assentada em duas palavras: "Graça e paz"; nas epístolas pastorais encontramos: "graça, misericórdia e paz." Esta fórmula tríplice com que Judas introduz sua carta, porém, é uma modalidade de saudação *sui generis,* sem paralelo em nenhuma outra parte do Novo Testamento, exceto leves semelhanças existentes em 1 Pedro 1:2; 2 Pedro 1:2. O versículo compreende uma combinação sinonímica de fórmulas, em que o termo graça, presente em outras saudações, foi substituído pela palavra *misericórdia.* Contudo, o objetivo do autor vai muito além do que simplesmente apresentar uma fórmula literária. Deseja ele que estes dons divinos sejam conferidos aos leitores de maneira abundante.

A. **Misericórdia** (Do lat. *miser,* "grande, compassivo", cordis, "coração". Do grego *eleos,* misericórdia não apenas é "compaixão, dó, pena causada pela miséria alheia ou disposição para perdoar". Abrange muito mais. Misericórdia é sinônimo de amor, perdão. Assim devemos compreender que graça é misericórdia, e misericórdia é graça, com todos os seus subentendidos teológicos. Ambas resultam do incomensurável amor de Deus.

O invulgar aparecimento da palavra *misericórdia* nesta saudação, parece querer transmitir-nos à lembrança o fato de que, sem virtude divina, comunicada a nós diariamente, não existiríamos. Cada pulsar de nosso coração, cada fôlego da respiração, é uma evidência de amor e da misericórdia de Deus. Tudo o que temos é dela resultante.

O convite da misericórdia dirige-se a toda a humanidade, mesmo até a terceira e quarta geração daqueles que aborrecem a Deus (Êx 20:5). O Senhor é longânimo, compassivo, e insta com pecadores e nações até as últimas conseqüências, e continua superabundando em graça a não ser que O rejeitem e dEle se desliguem.

"As condições para se alcançar misericórdia de Deus são simples e razoáveis. O Senhor não requer que façamos qualquer coisa penosa para alcançarmos perdão. Não precisamos fazer longas e exaustivas peregrinações ou praticar dolorosas penitências para encomendar nossas almas ao Deus do Céu ou expiar nossas transgressões. Aquele que "confessa e deixa' os seus pecados 'alcançará misericórdia'. Rm 28:13." AA 552.

A oração de cada crente deve ser aquela proferida por Davi, no Salmo 51, que principia com as palavras *Miserere mei, Deus,* "Tende piedade de mim, ó Deus." Misericórdia é de que mais necessitamos, pois somos imperfeitos e injustos: "Algum tempo atrás, um homem bateu à minha porta, pedindo esmola. Julgando que os farrapos do mendigo eram prova de real pobreza, dei-lhe umas moedas, um par de sapatos e alguma roupa. Depois de ele haver mudado a roupa e saído, pensei: 'Afinal de contas, provavelmente fiz mal ao mendigo, pois agora ele não conseguirá tanta esmola como antes, já que não tem mais aspecto de tanta miséria.' Como acontecesse que eu tivesse de sair um quarto de hora após, encontrei de novo meu amigo; não estava, porém, usando as roupas que lhe havia dado. Ora, eu lhe teria arruinado o negócio, se pudesse tê-lo obrigado a ter aspecto respeitável! Tinha sido prudente bastante para, ocultando-se num abrigo, tirar toda a roupa boa, e vestir-se de novo com os farrapos. Ele, assim apenas estava usando seu próprio traje, pois farrapos são a roupa dos mendigos. Quanto mais maltrapilho parecesse, tanto mais esmolas receberia. Exatamente isso se dá conosco. Para irmos ter com Cristo, não nos vistamos de nossas boas ações ou bons sentimentos; ide em vossos pecados, que são vossa vestimenta. Vosso estado é vosso argumento em favor da misericórdia; vossa pobreza é vosso apelo em favor de esmola celestial; e vossa necessidade é o motivo para receberdes bens do Céu." (1000 ilustrações p. 702, 703).

B. **Paz.** (Da raiz lat. *pak, "estabelecer por* uma convenção, resolver acordo entre duas partes"; "concórdia, tranqüilidade".)

Do grego *eirene,* paz é mais do que uma bandeira branca ou ausência de conflitos mentais. Paz "é dádiva de Deus, e é somente na Sua presença que pode ser recebida." (J. J. Durham, *Shalom and the Presence of God).* Não é ostracismo nem contemplação mística, é estar em Deus, é participar da paz que Ele proporciona, mesmo dentro de um mundo sem paz.

Somos seres sem paz. O caos originado pela entrada do pecado, a desarmonia do nosso mundo, testifica desta triste realidade. "O pecado é a fonte originária de toda a discórdia e conflito entre o homem e Deus, e entre os homens e os seus semelhantes; pelo que também não pode haver paz enquanto essa maldição não for removida. Toda e outra qualquer paz é um sonho e uma ilusão. Quando estamos em paz então estamos em paz com nós mesmos e com o próximo. Paulo com freqüência chamou Deus de o 'Deus da paz' (ver Rm 15:3; 2 Co 13:11; 1 Ts 5:23; 2 Ts 3:16 e Hb 13:20). Com isso se pode comparar também Is 32:17, que diz: 'E o efeito da justiça será paz...'" (Philip Schaff, *Lange's Commentary).*

Para Epicuro, a ataraxia, isto é, a "tranqüilidade mental", era um dos alvos desejáveis da ética humana, e julgava ele, podia ser obtida pela mortificação do desejo. Mas nós sabemos por experiência que a paz de Cristo excede a qualquer coisa que possa ser obtida pela disciplina mental (Jo 14:27; Ef 2:14). O mundo tem elaborado muitas teorias sobre como obter paz. Mas tem fracassado. Somente Cristo pode trazer paz ao mundo, e a base de toda essa paz é Sua obra expiatória na cruz. Só Ele pode resgatar-nos da servidão do pecado, da amizade com o pecado. Uma vez que Deus é a fonte de toda a paz, só podemos gozar paz se deixarmos de ser inimigos de Deus, isto é, se nos tornarmos inimigos do pecado (Tg 4:4); pois está escrito que "não há paz na injustiça" (Sl 85:10) e, pecado é injustiça (1 Jo 5:17). O ladrão não tem paz, o homicida não tem paz, o adúltero não tem paz, o homem sem Deus não tem paz (Rm 3:17). Mas o evangelho traz a paz (Rm 10:15).

Aqueles que foram justificados, isto é, perdoados e reconciliados com Deus gozam desse repouso, dessa harmonia, dessa ordem interior. Essa é a paz de que Judas fala, a paz que não se obtém mediante a conformidade com o mundo, mas a paz que nasce na alma em resultado do perdão de Deus e da certeza da salvação.

Esta virtude é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (Gl 5:22, 23), denotando que ela é obra do Espírito Santo de Deus trabalhando no nosso coração. Isto significa que não pode ser produzida por vontade humana, mas é uma qualidade celeste.

A palavra hebraica *shalom*, "paz" tem uma infinita gama de significados: prosperidade, saúde, harmonia, felicidade etc. Contudo o conceito fundamental que ela transmite foi aprendido com muita propriedade pelo termo grego *eirene*, usado pelos escritores neotestamentários. *Eirene* deriva de *eiro*, "amarro", donde se entende que paz é reconciliação daqueles que estavam separados, em discórdia. No caso, o homem e Deus.

Portanto quando se diz que Cristo é nossa paz, está-se dizendo, noutras palavras, que Cristo é nossa "amarração" a Deus, o laço divino que nos uniu a Ele.

"A paz envolve tudo quanto constitui o repouso, o contentamento e a verdadeira felicidade do coração, a base da salvação cristã e da união com Cristo. A tribulação tanto consiste na perseguição emanada do lado de fora como na interrupção e perturbação que se origina em nossas próprias fraquezas e pecados, o que é um aspecto tão perturbador como aquele que se deriva deste mundo ímpio. No entanto, lá no recesso mais profundo da alma, a paz continua a reinar no crente, ainda que grande parte da superfície do oceano seja açoitada pelo vento e pelas tempestades." (Philips Schaff).

C. *Amor*. Na ordem lógica, o amor é causa e conseqüência: causa, o amor de Deus, o amor-ponto-de-partida, o amor-fonte; conseqüência, o amor humano, o amor-ponto-de-chegada, amor-resultado.

Diferentemente do português, o grego distingue quatro tipos de amor: o *philia*, o *stergo*, o *eros* e *agapé*.

Amor Divino. Dos quatro, apenas *agapé* é o empregado para traduzir o heb. *ahavah*, isto é, o amor no sentido mais pleno e superlativo da palavra: o amor divino. Deus é a própria personificação do amor, por essa Sua qualidade fundamental. Amor é a base da criação e redenção. O conceito central do amor de Deus reside na eleição, na escolha de cada ser humano como objeto único e exclusivo de Seu amor. O amor de Deus é assim: Ele ama cada filho Seu como se fosse o único. Este amor revelou-se na pessoa de Seu filho. Como sugeriu o teólogo Karl Barth, poderíamos substituir a palavra *amor*, toda vez que aparecesse na Bíblia, pelo nome de Jesus Cristo. Foi por amar o mundo de tal maneira que Deus deu Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê, não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3:16). Quando, portanto, estamos em Cristo, permanecemos no amor de Deus. Porque na mesma medida que Deus ama o Filho, Ele ama também os resgatados pelo Filho. Este é o amor-causa, que produz em nós o amor-conseqüência, que refletimos de volta para Deus e que partilhamos com os nossos semelhantes. Nenhum mérito há em amarmos a Deus. "Nós o amamos, porque Ele nos amou primeiro." 1 Jo 4:19.

"O amor só pode ser conhecido pela ação que promove. Vê-se o amor de Deus na dádiva de Seu Filho (1 Jo 4:9, 10). Mas, obviamente, este não é o amor da complacência ou a afeição, noutras palavras, não foi motivado por qualquer excelência em seus objetos (Rm 5:8). Tratava-se dum exercício da vontade divina, em escolha deliberada, feita sem causa atribuível, exceto à que existe na natureza do próprio Deus. (Dt 7:7, 8) (W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words*, vol. III p. 21).

Agapé é o amor governado por princípios, embora cheio de calor. Sua definição clássica encontra-se em 1 Coríntios 13. Ali encontramos o amor que tanto pode descrever o relacionamento entre Deus e o homem, como entre os homens em geral; dependendo unicamente este último de ser cultivado e aperfeiçoado, pois "o amor é de Deus. O coração não convertido é incapaz de originar ou produzir esta planta de procedência celeste, que só vive e floresce onde Cristo reina." 1 TSM 210.

Tudo em Deus é ato de amor, mesmo em coisas que nossa limitada compreensão não consegue alcançar, como por exemplo, a destruição do ímpio.

Amor Humano. As outras três palavras gregas restantes dizem respeito ao amor humano, que é inspirado pelo amor de Deus. Todo amor verdadeiro dEle procede, conquanto se manifeste de forma e modalidades diversas.

1. *Philia* é a palavra mais generalizada para amor, ou terna afeição. Denota sobretudo a atração de pessoas entre si, numa relação de apego pessoal, companheirismo e amizade (*Dicionário de Grego do Novo Testamento*, James Strong) (Sm 1:26; Lv 19:18 etc.).

2. *Stergo* é o amor filial, com especialidade entre pais e filhos, mas também pode incluir o amor dos súditos pelo rei, do cão por seu dono, outras formas que indiquem relação de dependência, respeito ou senhorio. (Rm 1:31; 2 Tm 3:3).

3. *Eros* é o amor conjugal, que se observa entre homem e mulher. Todos eles são um dom total oriundo de Deus, que se irradia em círculos concêntricos, desde as suas formas mais íntimas, como amor conjugal, o paterno e materno, o fraterno, até as formas mais amplas do amor ao próximo que envolve, em sua amplitude, desde os parentes, colegas e amigos, até os concidadãos e a humanidade inteira (Fernando Bastos de Ávila).

Nunca esquecendo, porém, que de nós mesmos somos incapazes para o amor. É preciso que, constrangidos pelo amor de Cristo, nossa alma seja subjugada e nossa mente cativa à vontade de Deus, torne-se habilitada a amar. O amor é um poder transformador. Ainda que o pecado tenha ocasionado a perda do amor original que Deus colocara no coração do homem, pela fé ele é ali de novo recolocado. E o amor, resultante do perdão de Deus, que capacita para o reino de Deus. (ver PJ 210, 211, 251, 158). O amor divino gera amor humano, sem dúvida, mas o que nos salva não é o nosso amor por Ele, mas o Seu amor por nós.

Há uma seqüência natural nas excelências morais alistadas por Judas no versículo segundo. A misericórdia vem primeiro. Antes da fundação do mundo foi morto o Cordeiro por amor do homem (Ap 13:8). A misericórdia é o fruto do amor divino. Em seguida vem a paz. Quando o pecador se conscientiza de que foi aceito pela misericórdia divina, sem o mínimo de merecimento de sua parte, este fato lhe proporciona profunda paz. Mediante o poder regenerador do Espírito Santo abre-se no coração humano uma fonte de ternura e reacendido amor. "Pela fé, o Espírito Santo coloca o amor de Deus em nosso coração." 1 ME 374).

"A misericórdia graciosa de Deus não somente transforma a vida de quem a recebeu, como se estende a outras pessoas. O amor de Deus é derramado até transbordar do nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5:5). A misericórdia da parte de Deus, a paz por dentro, e o amor ao próximo — todos na mais plena medida. Alguém poderia imaginar uma oração mais abarcante de saudação cristã?" (Michael Green, *The Second Epistle General of Peter and the General Epistle of Jude*).

D. Vos Sejam Multiplicados

As virtudes anteriormente referidas não nos são inerentes, mas Deus no-las concede. Não desejava o autor que elas fossem parcamente comunicadas aos crentes, mas de maneira pródiga e abundante, por isso fez questão de usar uma expressão forte — o verbo *multiplicar* cujo uso é bastante comum em saudações judaicas. Judas deseja sinceramente que todos os filhos de Deus recebam misericórdia, paz e amor em grande e extraordinária quantidade e medida.

Temos, portanto, uma parte a desempenhar. "Na escola de Cristo não há lugar onde nos diplomemos. Devemos trabalhar segundo o plano da adição, e o Senhor operará segundo o plano da multiplicação. É pela constante diligência que, pela graça de Cristo, viveremos segundo o plano da adição, fazendo firme nossa vocação e eleição." *Carta* 44, 1893 apud 1ME 379.

O EVANGELHO POSTO EM PRÁTICA

Sérgio Marques e
Wagner Santos

(Estudantes da Escola de Teologia)

A obra médico-missionária não é um novo método; Trata-se de um exemplo deixado por Cristo em séculos passados, porém muito desvirtuado através dos tempos, devido a fatores sociais, religiosos etc.

Foi exatamente esta a significativa parte da obra realizada por Cristo aqui na Terra: libertar as pessoas da doença física e também da doença espiritual. O grande Mestre, enquanto esteve neste mundo, entregou Sua vida inteira para nos ensinar a agir como missionários consagrados a Deus.

Cristo, durante Seu ministério nesta Terra, dedicou mais tempo a curar os enfermos do que a pregar. Hoje, porém, são poucos os que se dedicam à obra médico-missionária, que abriria muitas portas diante do verdadeiro reformador, o qual deveria levar esta obra à testa de seus objetivos e métodos, pois é o evangelho posto em prática. Esta obra é a pioneira do evangelho, tanto no ministério da palavra quanto na aplicação da mesma, pois as boas novas devem ser pregadas e praticadas.

Cristo curava os enfermos e levava o alívio espiritual através do evangelho. Semelhantemente, hoje podemos e devemos levar a mensagem da salvação anexa à obra médico-missionária. Todos os que professam ser Seus filhos devem imitá-lO, buscando aliviar as necessidades físicas dos seres humanos. Este cuidado faz com que sejam derribadas as maiores barreiras existentes, permitindo assim que a alma seja cativada. Cumpre-nos apresentar os princípios da reforma prósaúde perante o povo, fazendo tudo ao nosso alcance para induzir homens e mulheres a ver a necessidade desses princípios, e a praticá-los. Na obra do evangelho há duas coisas inseparáveis: curar e ensinar.

Um dos exemplos bíblicos de suma importância que ilustra a obra de Cristo pelo necessitado pecador encontra-se em Lucas 10:30-37. Assim como o bom samaritano fez aquela obra de salvar a vítima, nós também devemos ajudar a salvar os aflitos, pois Cristo também nos está curando através do Espírito Santo e nos salvando pela Sua morte na cruz e intercessão no santuário celestial.

Devemos levar cura às chagas do pecado a cada alma necessitada que consente que a obra seja realizada.

Devem todos conscientizar-se de que as doenças são solucionadas não por meros conhecimentos humanos, e sim pelo Médico celestial, que tem poder não só de curar as doenças físicas, como também as espirituais, através do perdão dos pecados e salvação da morte eterna.

Esta obra é como uma "cunha de entrada" para a pregação do evangelho, é a mão direita, a mão auxiliadora para abrir as portas à

proclamação da mensagem. É importante destacar que as portas que foram fechadas diante dos que pregam o evangelho, abrir-se-ão a um inteligente missionário-médico. Deus alcança os corações por meio do alívio do sofrimento físico, pois a obra missionária médico-evangelista tem acesso direto aos corações e espíritos, e é um meio de converter muitos à verdade.

Não existe melhor meio para remover os preconceitos existentes na sociedade do que apresentar sabiamente o assunto da reforma de saúde. Através do exemplo de Cristo podemos compreender que serão abençoados os que levarem esta mensagem avante.

Assim como utilizamos discursos evangélicos, devemos utilizar o ensino inteligente da reforma pró-saúde na pregação do evangelho, pois a mesma é a mensagem que atrai as pessoas não crentes. Se temos idéias tão sãs relativamente à saúde e temperança, deve haver em nossa crença religiosa alguma coisa digna de investigação, raciocinarão os não crentes.

Devemos empregar nossos esforços no sentido de divulgar estes conhecimentos em reuniões de caráter reformatório: todo talento deve colaborar para expor tais mensagens ao povo. Todo aquele que esclarece o povo acerca dos princípios da reforma pró-saúde dá um importante passo à introdução da verdade presente. Satanás trabalha de várias formas, e dentre elas por meio do apetite, com o objetivo de degradar e destruir.

Esta mensagem está firmemente ligada com o ministério da Palavra, e deve ser levada a todos os lugares, para que assim a Obra progrida tanto em quantidade como em qualidade.

O verdadeiro objetivo desta obra é ajudar a completar o número dos escolhidos, para assim haver uma boa colheita de preciosos frutos para o Senhor. O conforto, a cura e o alívio das almas têm íntima ligação com os objetivos da obra médico-missionária, e tal obra cabe-nos desenvolver. Através dos corações abrandados pelo alívio físico de uma doença, possibilita-se reconhecer que acima de tudo existe o poder do Mestre. A restauração da fé em Deus no homem irá cada vez mais fazer com que as pessoas se consagrem através dos seus corpos, pois os tais são templos do Espírito Santo.

A relação desta obra com o ministério jamais deve ser desvirtuada. Não se deve esquecer que ambos se desenvolvem intimamente juntos.

O trabalho da obra médico-missionária pode ser considerado sob vários prismas:

Trabalho Pessoal

Nosso trabalho pessoal, de casa em casa, em contato direto com as almas, é um trabalho muito produtivo, pois é um dos métodos de Cristo. Devemos sempre imitar as Suas obras. Ele lidava pessoalmente com as almas; devemos aproximar-nos dos mais necessitados e desamparados, levando o alívio das dores terrenas e a esperança da vida futura. Afirmou Cristo que Ele jamais faltará aos que se empenham em dar assistência espiritual.

Devemos aprender métodos eficazes de tratamentos simples e assim como Cristo usou métodos práticos, também devemos colocá-los devidamente em prática. Assim mais facilmente a mensagem achará lugar nos corações. Métodos novos e eficientes devem ser introduzidos, porém não deve ser perdido de vista o Superior que é Jesus. Somos incentivados, com especialidade os ministros, para aprender novas experiências em aplicar tratamentos simples.

Todos os obreiros devem ser preparados para palestras e ministrar instruções com respeito aos princípios do viver saudável. O povo precisa ser esclarecido quanto aos efeitos e bem-estar que auferem aqueles que colocam os princípios de saúde em prática na sua vida diária. As pessoas devem conhecer as leis da natureza, que são leis de Deus. Todas elas visam ao nosso bem; a obediência a essas leis promove a felicidade nesta vida e ajuda no preparo para a futura.

Todo obreiro deve sentir que ensinar os princípios do viver saudável é uma parte da responsabilidade a ele delegada. A reforma pró-saúde é parte da terceira mensagem angélica.

Trabalhos nos Hospitais e Sanatórios

A pregação do evangelho através da obra médico-missionária é uma obra muito ampla, que abrange de modo especial o sanatório.

Diz a serva do Senhor que devemos trabalhar de maneira tal que possam ser alcançadas todas as classes de pessoas. Nossos sanatórios devem ajudar a obra de Deus a ponto de colaborar em concluir o número dos escolhidos. Os sanatórios devem ser estabelecidos em vários lugares, **mesmo sendo pequenos.**

Todas as pessoas que se dedicam a trabalhar em ambientes institucionais devem achar-se primeiramente ligadas a Cristo. Como Seus seguidores, farão as obras que Ele fazia; era manso, humilde, misericordioso, alegre, levava alívio aos aflitos, necessitados, e acima de tudo dava bom testemunho aos incrédulos. Nunca se devem esquecer de animar aos desconsolados e levar salvação a todos que aceitam o Médico dos médicos como seu único Salvador.

Sendo o principal objetivo das instituições a conversão de almas, pois é para isto que são construídas e estabelecidas, devem os obreiros evangélicos semear nos corações a semente da verdade. Devem as instituições ser enriquecidas com uma

"Todas as pessoas que se dedicam a trabalhar em ambientes institucionais devem achar-se primeiramente ligadas a Cristo."

atmosfera espiritual, de sorte que os homens e mulheres aprendam tratamentos para as moléstias do corpo, e sintam que sua alma enferma necessita também de cura.

Jamais devem os pacientes dos hospitais ser levados a obedecer cegamente a leis, regras e princípios; precisam compreender os fatos da causa para o efeito. A instituição de saúde deve desenvolver métodos no sentido de levar os doentes e aflitos ao caminho da verdade e da justiça. Os cultos realizados podem incentivar perguntas e respostas. Na sala de visitas jamais se devem discutir assuntos de doutrina, pois a simpatia das pessoas deve ser granjeada para assistirem às reuniões do sábado.

Esforcem-se os enfermeiros e os médicos para conquistar a simpatia dos pacientes, e cuidem para não precipitarem a verdade presente, mas, com o decorrer dos tratamentos, deixem que as pessoas perguntem a respeito da fé.

O testemunho dos evangelistas deve ser coerente com a mensagem pregada; Cristo deve estar morando nos corações a fim de que se produzam frutos dignos de admiração. Não devemos apenas falar belas maravilhas, mas produzir obras maravilhosas.

Os médicos e os enfermeiros devem ser consagrados a Deus, seguindo o exemplo de Cristo como também o de Lucas. Os médicos podem realizar conferências, que darão oportunidade para aumentar o interesse dos pacientes. Deste modo todas as classes serão beneficiadas, inclusive as mais altas. Convém também salientar que os obreiros devem cultivar sua própria saúde, e preocupar-se com o seu corpo em primeiro lugar, para depois levar aos outros a cura.

Os obreiros dos nossos sanatórios foram chamados para uma alta e santa vocação. Precisam compreender melhor do que no passado o caráter sagrado da sua ocupação. O trabalho que executam é de vasto alcance e poderosa influência, deles exigindo esforço fervoroso e consagração irrestrita.

O obreiro fiel deve manter os olhos fixos em Cristo, para assim colaborar em salvar as pessoas do pecado.

O Restaurante

O restaurante é também um grande meio para introduzir o Evangelho. Sendo muito procurado, notar-se-á a diferença de cardápio em relação a outros restaurantes. Ao serem oferecidas comidas ao mesmo tempo saborosas e saudáveis, despertar-se-á desejo de conhecer a razão desta diferença, surgindo assim a oportunidade de ensinar a preparação de alimentos saudáveis. É recomendável que haja literatura sobre saúde em cada restaurante, atualmente muito procurada pelo público. Pode-se, ademais, planejar reuniões sobre saúde com a clientela do restaurante, para seminários, cursos e palestras, o que com certeza se demonstrará uma cunha para falar a respeito de Cristo.

A Colportagem

Cada colportor deve ter conhecimento adequado das causas das doenças, e saber aplicar judiciosamente tratamentos naturais simples às muitas almas que necessitarem de seu auxílio. Deve orar com fé e simplicidade, apontando sempre o grande Médico. O colportor deve sair às cidades e vilas, mostrando a vantagem em se comprar os livros em relação à saúde e à economia com despesas médicas. Conhecendo os remédios da Natureza, as pessoas aprenderão a recuperar a saúde e a evitar a doença. Deste modo se conquista a amizade das almas e o colportor estará com o campo aberto para falar de Cristo. Anjos acompanharão o verdadeiro colportor que divulga esta importante mensagem, que é o braço direito da tríplice mensagem angélica.

A Escola

É da vontade de Deus que Seu povo seja mais sábio, livre da ignorância, testificando ao mundo Sua presença em nosso meio. Por isto somos exortados a que estabeleçamos escolas médico-missionárias, onde os obreiros aprenderão as lições de Cristo: a cura física e espiritual. Incluam-se no currículo de nossas escolas ensinamentos práticos à cura das doenças através da natureza. As crianças, além de aprenderem tratamentos simples em nossas escolas, devem aprendê-los de seus pais. Grande responsabilidade pesa sobre os pais quanto a ensinar lições de saúde aos seus filhos. Deus chama também rapazes e moças para estudarem em escolas médico-missionárias. Grande obra é necessário fazer, que provavelmente não será reconhecida pelo mundo, mas Deus a recompensará. Precisamos investir em escolas, principalmente ligadas com hospitais, onde haja uma ajuda mútua; teremos mais evangelistas médico-missionários que, depositando a confiança em Deus, magnífico trabalho farão.

Conclusão

Cremos, por evidências, que o nosso mundo está pouco a pouco se interessando no assunto dos tratamentos com os meios naturais. Significativas partes da classe alta de nossa sociedade atual adere ao naturismo em diferentes aspectos. Sendo uma obra já profetizada, que irá despertar muitos para a verdade presente, deve ser praticada e divulgada.

Deixemos o Espírito Santo trabalhar em nossos corações, para nos conscientizar desta maravilhosa e bendita obra. Aproveitemos diligentemente os momentos de nossa vida para levar à Fonte da vida os que ainda não a conhecem. Reflitamos nessa obra, pois é o braço direito de nossa mensagem nestes últimos dias.

O mundo conhece alguns dos métodos de tratamento, porém não conhece o Provedor de tudo e para tudo. E hoje é o dia de começarmos a realizar uma obra especial neste campo.

N.R. **Este artigo foi elaborado tendo seus autores levado em consideração os textos abaixo relacionados:**

Mt 4:23; 9:35
Lc 10:30-37
83 MM 223
SC 128, 132, 134, 138-140
3TSM 108-111, 346
CBV 144
Ev 513-526, 536-551
RH 7/9/1905
CE 87-89
CPPE 123, 150, 423-426, 429, 470-472, 474

E. J. WAGGONER

CARTA AOS ROMANOS

ESTUDO Nº 11

"Porventura ignorais, irmãos, pois falo aos que conhecem a lei, que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida? Ora, a mulher casada está ligada pela lei do marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei, e não será adúltera se contrair novas núpcias. Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, e deste modo frutifiquemos para Deus. Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei, operavam em nossos membros a fim de frutificarem para a morte. Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra." Rm 7:1-6.

O assunto abrangido pelo sétimo capítulo na realidade é tratado duas vezes. A primeira parte coloca os fatos gerais diante de nós; a parte final entra nos detalhes e particularidades do que é dado no começo.

Nos seis versículos citados, há uma ilustração e a aplicação. A ilustração é facilmente compreendida. Usa-se o simples fato do casamento. Uma mulher casada está ligada ao marido enquanto ele vive. Pelo quê está ela ligada? Pela lei. É contrário à lei ela ter dois maridos ao mesmo tempo; mas se o primeiro marido morrer, a mesma lei permitirá que ela se case com outro homem. Isto é uma simples ilustração, e se for conservada na memória através do estudo do capítulo, ser-nos-á uma grande ajuda para sua compreensão.

Não é necessário neste capítulo qualquer argumento sobre a perpetuidade da lei. Esta não é a questão em apreço. O apóstolo não está empregando um argumento especial para provar que a lei não foi abolida. Seu argumento parte daquele ponto como já estabelecido, e mostra a aplicação prática da lei em casos individuais. Vai direto ao coração dos homens que estão sob a lei; e se estão sob ela, como pode ter sido abolida? Intensifica suas exigências aos corações humanos, e pelo Espírito de Deus, eles sentem seu poder operando, e desse modo sabem que ela não foi abolida.

Note-se a que classe de pessoas Paulo está escrevendo. "Falo aos que conhecem a lei." Esta epístola é endereçada aos professos seguidores de Cristo. Encontramos isso no segundo capítulo, começando com o versículo 17: "Tu, que tens por sobrenome judeu, repousas na lei e te glorias em Deus."

Agora, observe a ilustração: Ao passo que a lei não permitirá a uma mulher estar unida a dois maridos ao mesmo tempo, permitir-lhe-á estar unida a dois um após o outro. É a lei que a *libera* e é a lei que a *une*. A mesma lei que a une ao primeiro marido, também lhe permite unir-se ao segundo depois de o primeiro estar morto. Isto é fácil de entender, e não há necessidade de consideração posterior.

Agora, a aplicação: "Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, e deste modo frutifiquemos para Deus." Podemos verificar quem são os dois maridos, começando pelo segundo. O "outro" a quem devemos estar casados é o que ressuscitou dentre os mortos, e esse é Cristo. Somos uma das partes do segundo casamento, e Cristo é a outra. Ele é o segundo marido.

A questão que surge agora é: quem foi o primeiro marido que morreu, a fim de que pudéssemos estar unidos ao segundo? O sexto capítulo já respondeu a esta pergunta. Comparemos Romanos 7:5 com Romanos 6. "Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei, operavam em nossos membros a fim de frutificarem para a morte." A lei nos conservava na primeira união, e então, a que estávamos unidos? em que estávamos? Estávamos em união com a *carne*. No sexto capítulo encontramos que o corpo do pecado é destruído por Cristo. Por que meio é que o corpo de pecado é destruído? Por ser o homem crucificado com Cristo.

Em primeiro lugar estamos unidos ao pecado — a carne pecaminosa. Não podemos servir a dois senhores. Eis aqui duas figuras. Somos servos de um senhor — unidos a um marido. Não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo, e não podemos estar unidos a dois maridos ao mesmo tempo. Mas podemos estar unidos a dois um após outro. O primeiro destes, a quem todos temos estado unidos, é o corpo do pecado; o segundo é Cristo, que ressuscitou dentre os mortos.

Surge a questão: O que significa estarmos *mortos para a lei* pelo corpo de Cristo? Isso nos leva ao ponto em que a ilustração não condiz conosco. Por que a ilustração não condiz conosco? Porque é absolutamente impossível achar na vida qualquer coisa que represente corretamente em cada aspecto as coisas divinas. Não há ilustração alguma que satisfaça em cada particular. É por isso que temos tantos tipos para Cristo. Pessoa alguma serviria como um tipo completo. Num lugar temos Adão como um tipo de Cristo; temos Abel; temos Moisés; temos Aarão; Davi; Melquisedeque e muitos outros que representam diferentes fases de Cristo, porque não há um deles que possa representá-lO em cada particular.

Desse modo, quando o apóstolo representa a união de todo o povo com a casa de Israel, diz: "Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério" (Romanos 11:25). É um mistério, algo sobrenatural. Ele afirma que é um processo de enxertia, mas que é contrário ao método natural. Por conseguinte, a ilustração do casamento não pode ser considerada completa em cada particular.

"Cristo vem à porta de nossos corações, e bate e nos roga que vamos a Ele".

E ainda, afinal de contas, a ilustração não falha, se considerarmos que a união com o primeiro marido é uma ligação criminosa. É assim na aplicação. Os que estão unidos à carne são culpados de um crime capital. A lei os mantém naquela ligação, isto é, não lhes permite dissolver superficialmente a união, e continuar como se nada houvesse acontecido — mas lhes exige a vida. Com esta explanação podemos compreender o que segue.

Verificamos que estamos unidos com o pecado e com o corpo do pecado. Então Cristo vem a nós, e Se apresenta como "totalmente desejável". E em realidade Ele é o único que tem direito sobre nós. "Tenho, porém, contra ti, que deixaste teu primeiro amor." O apóstolo está escrevendo aos que conhecem a lei, e que deixaram seu primeiro amor; e o que se aplica a eles, também se aplicará em proporção maior aos do mundo. Cristo vem à porta de nossos corações, e bate e nos roga que vamos a Ele. Ele tem estendido Suas mãos todo dia a um povo rebelde "que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos" (Isaías 65:2). Quão profundo, quão incomensurável é o amor de Deus!

Em Jeremias 3:1 lemos: "Se um homem repudiar sua mulher, e ela o deixar e tomar outro marido, porventura aquele tornará a ela? Não se poluiria com isso de todo aquela terra? Ora, tu te prostituiste com muitos amantes; *mas ainda assim, torna para Mim, diz o Senhor.*" Escrevendo aos coríntios, Paulo diz: "...vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo." (2 Coríntios 11:2).

Agora desejamos aquela amabilidade de caráter que só pode ser encontrada em Cristo. Verificamos que aquela união em que éramos mantidos — com a carne — não é uma união agradável, mas o marido ao qual estamos casados é um feitor, um tirano que nos oprime e subjuga, para que não tenhamos liberdade. A carne é tirânica, e nos subjuga e leva-nos a fazer não o que desejamos, mas o que ela quer que façamos. Quando, com a ajuda de Cristo, percebemos que essa união é um cativeiro torturante, então despertamos para nossa real situação, e compreendemos que, embora ela nos tenha satisfeito por algum tempo, agora a odiamos, e desejamos livrar-nos dela e tornar-nos unidos a Cristo.

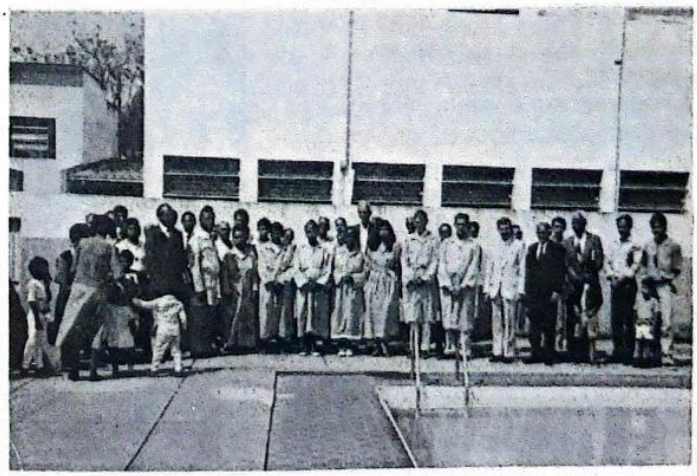
Mas é aqui onde começa a dificuldade. Está expressa em Tiago 4:4: "Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus." Você acha que é sem razão que Cristo, através de Paulo, disse: "Que comunhão tem a luz com as trevas? Que concórdia há entre Cristo e Belial?" Ora, conquanto ainda permanecemos na carne, desejamos tomar o nome de Cristo. É claro que nos é impossível estar realmente unidos a Cristo e ainda apegar-nos ao corpo de pecado, embora aparentemente sejamos capazes de fazê-lo. De fato, não podemos estar unidos a Cristo e ao mundo ao mesmo tempo. Não podemos ter Cristo como nosso esposo, e ao mesmo tempo viver com o mundo.

NOTICIÁRIO

OBSERVADOR

VISITA A QUATRO CONFERÊNCIAS EUROPÉIAS pág. 23

BATISMOS pág. 22



- NOTÍCIAS RELIGIOSAS pág. 20
- ENCONTRO INFANTO-JUVENIL CAPIXABA pág. 21

OPINIÃO

JUSTIÇA PELA FÉ —

UMA DOUTRINA OU UMA EXPERIÊNCIA?

Refletir sobre a pergunta acima, parece-nos ser oportuno neste final de ano, em que celebramos o centenário da apresentação da mensagem de 1888, e cujos 365 dias foram devotados ao estudo e meditação deste tema.

Não somos pessoas desinformadas acerca do assunto. Dispomos de copioso relatório de como foi a histórica assembléia; e muitos foram os pregadores, que, em 1888, nos instruíram sobre a salvação pela fé. Quero crer que não tenhamos dificuldade em entendê-la intelectualmente. O alvo, porém, não é este. O desejo da profetisa do advento, consoante testemunho de George Knight, em seu livo **From 1888 to Apostasy** (De 1888 Para a Apostasia), era que **experimentássemos** a justificação pela fé, em lugar de a definirmos minuciosamente.

Experimentar é sentir, é provar, é conhecer. Podemos descrever uma maçã nos mínimos detalhes: seu formato, sua cor, seu aroma, seu tamanho, mas só podemos dizer qualquer coisa sólida acerca da maçã, se a tomarmos nas mãos, provarmo-la e sentirmos-lhe o sabor. Semelhantemente, acontece no plano espiritual. A teoria da verdade, as noções gerais, a descrição dos fenômenos e processos — tudo isso é muito importante. Porém, muito mais importante ainda é viver com Cristo, ser amigo dEle, comer o que Ele comeria, beber o que Ele beberia, vestir-se como Ele Se vestiria, agir como Ele agiria, andar como Ele andaria.

Estamos preocupados ante o perigo de esta mensagem espiritual, prática, tornar-se muito cerebral, sendo reduzida a meros elementos intelectuais, a ponto de alguns acharem que Deus só nos salva se a compreendermos em seus pormenores, ou então que apenas conhecer é o bastante. Lembre-se da maçã: descrevê-la não mata minha fome. É preciso que eu a coma, que eu a experimente. Arreceamo-nos também de que alguns desses "teóricos" do evangelho, consciente ou inconscientemente, comecem a orar consigo, dizendo: "Ó Deus, graças Te dou por que não sou como os demais homens, que não entendem esta mensagem." O que não deixa de ser uma forma maquiada de farisaísmo.

Precisamos **experimentar** a justiça de Cristo, mas experimentar mesmo, de maneira autêntica, real, prática; assim como experimentamos a guarda do sábado e a devolução do dízimo. Não é só falar; é viver. É claro que o primeiro passo é o conhecer intelectual, pois como diz a Escritura, "a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Cristo." Rm 10:17.

A verdade é que tanto uma crença simplesmente legalista de que devemos **fazer** algo para ser salvos, bem como a crença de que nossos pecados são perdoados sem o verdadeiro arrependimento de nada aproveita. Ambos os conceitos resultarão numa experiência infrutífera.

A fé, a verdadeira fé, promove mudanças. Manifesta-se em:

1. Confiança plena e permanente em Cristo, no perdão centralizado nEle e na obediência centralizada nEle a todos os mandamentos de Deus.

2. Arrependimento positivo de todos os nossos pecados, mesmo os acariciados.

3. Amor a Deus e ao próximo. Amor mesmo, operante, vívido, desacomodatício.

4. Relacionamento íntimo com Jesus.

NOTÍCIAS RELIGIOSAS

Bíblia em Língua Tcheca Tem Nova Tradução. Cerca de 100 mil exemplares de uma nova tradução da Bíblia em língua tcheca serão distribuídos este ano, segundo as autoridades de Praga. A tradução é fruto de uma colaboração entre igrejas e é a primeira vez que isto acontece, a partir de textos originais e não da Vulgata Latina. (L'Apell du Maitre).

Estudantes do Texas Crêem que Adão e Eva Foram o Primeiro Casal. Uma pesquisa realizada no Texas, Califórnia, e Connecticut entre estudantes mostrou que 40 por cento dos votantes crêem que Adão e Eva foram os primeiros seres humanos. O Dr. Francis Harrold, professor da Universidade do Texas, em Arlington, e parte da equipe que realizou a pesquisa também notou que muitos estudantes que crêem na criação, cultivam uma política conservadora.

I ENCONTRO INFANTO-JUVENIL CAPIXABA

Num clima de alegria e santa animação, deu-se início ao I Encontro Infanto-Juvenil Capixaba, no período de 7 a 10 de outubro, em Vitória, ES, após todas as equipes organizadoras entregarem os seus trabalhos. A abertura foi feita pela classe dos primários, seguida do sermão inspiradíssimo e enfático pelo pr. José Rinaldo Barbosa, presidente da ARJES, enfocando a necessidade real de nos tornarmos crianças, para que possamos ver o reino do Céu.

No sábado, as reuniões contaram com a participação em massa dos pequeninos. Como o tema central era "A Criança — Uma Bênção", a lição dos menores foi exposta aos adultos, igualando-os aos infantis. "Ninguém irá sair adulto deste templo", prometeu uma ativa professora.

Houve ainda o programa dirigido pelas crianças, que anunciava o terno cuidado do Bom Pastor por Suas ovelhinhas. À tarde desse sábado ainda, todos — adultos e crianças — puderam participar de um programa lítero-musical. Dentre as apresentações, destacaram-se as dos conjuntos: Musart, Reformação, Cedros do Líbano e o conjunto de Vila Velha.

No domingo, as palestras especiais para crianças e adolescentes conferiram um toque familiar, o que muito contribuiu para o bom rendimento das mensagens proferidas pelo pr. Ary Silva e José Orivaldo. À noite por entre um belo cenário de montanhas, coqueiros e flores, o coral de adolescentes da igreja local apresentou a cantata "O Contador de Histórias", que narrou, em forma musical, as belas parábolas de Jesus.

Na segunda-feira, feriado, encerrou-se o encontro, com um inesquecível passeio ao litoral, na Colônia de Férias da Praia de Carapebus, região cheia de belezas naturais e que proporcionou momentos de rara aproximação a lugares ainda inexplorados.

"Pode-se dizer que o encontro valeu a pena", comenta nosso colaborador Jefferson Ricardo. "Terminamos felizes por havermos alcançado nossos objetivos. Deus seja eternamente louvado e engrandecido por tudo."

NECROLÓGIO

JOSÉ BARBOSA DE SOUSA. Faleceu dia 6 de setembro de 1988, em Eunápolis, BA. Nascido em 1901, só conheceu a verdade em 1984, vindo a batizar-se em 24 de setembro daquele mesmo ano. Descansou no Senhor em avançada idade. Deixa 9 filhos, 65 netos e 46 bisnetos.

O irmão Omélio Araújo, obreiro da igreja de Eunápolis, noticia também o óbito de uma anciã, conhecida carinhosamente como irmã Loura, no dia 6 de julho de 1988. Não foi possível coletar seus dados pessoais.

NASCIMENTOS

René Costa Caetano
Pai: *Cesário Caetano da Costa*
Mãe: *Edneusa M. Costa Caetano*
29/10/88 - Nanuque, MG

Ramon Almeida Rodrigues
Pai: *Saulo Rodrigues*
Mãe: *Marinalva Almeida Rodrigues*
21/9/88 - Belo Horizonte, MG

Josiel Corte Alves
Pai: *Joadir Teixeira Alves*
Mãe: *Isabel Corte Alves*
30/11/88 - Fernandópolis, SP

BATISMOS

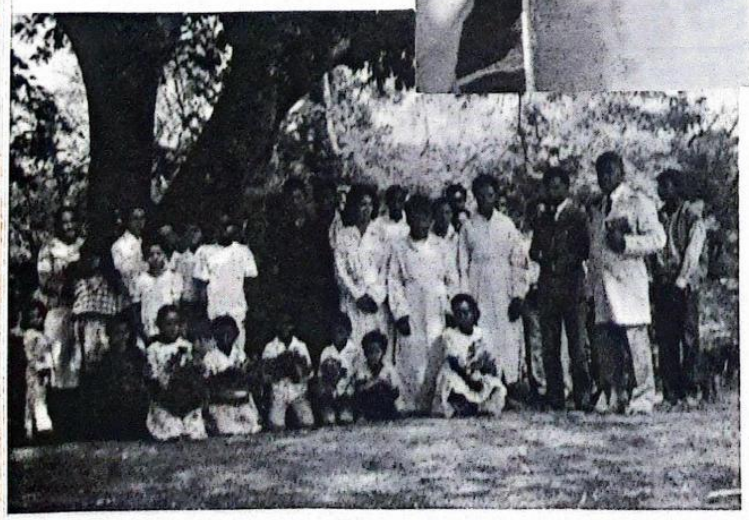
SANTARÉM, PA — Batismo de sete irmãos, dia 17 de julho. Oficiante pr. Valdir Gomes, vice-presidente da ASAM.

O irmão Pedro Maia Caetano escreveu-nos contando que em vários lugares adjacentes a Santarém há irmãos que se reúnem em caráter de Escola Sabatina. Têm-se despertado muitos, interessando-se pela fé que pregamos.

Batismo em MARABÁ, PA — Quatro almas foram batizadas dia 23 de outubro. Oficiou a cerimônia o pr. Valdir Gomes, vice-presidente da ASAM (José Josafá Lima).

Batismos na ASMIN - Ocorridos no 3.º trimestre:

Nanuque - 6 almas
Coronel Fabriciano - 8 almas
Cambuí - 2 almas
Pirapora - 8 almas
Montes Claros - 4 almas



NATAL, RN

Em NATAL, RN, já se encontra um grupo de irmãos e interessados. É um dos recentes núcleos resultantes do trabalho missionário da colportagem. Diz-nos o irmão José Ferreira de Almeida que o início do trabalho foi em 1984, quando ele e sua família se mudaram de Vitória da Conquista, BA, para Natal, e empreenderam a colportagem.

O grupo conta com dez irmãos batizados e quinze irmãos interessados; entre estes alguns se preparam para o batismo.

O irmão Almeida está empenhado em uma campanha para adquirir recursos utilizáveis na construção de um templo em mais uma capital do Nordeste. Nataç é uma cidade de grande importância no complexo social, histórico e econômico do Brasil. Ele pede a atenção dos leitores para a necessidade dos nossos irmãos daquele lugar.

VISITA A QUATRO CONFERÊNCIAS EUROPÉIAS

Ester e Daniele Campodonico

A Europa é um continente formado por muitos países, de modo geral aproximadamente quinze a vinte vezes menores que o grande Brasil. Mas cada país é densamente povoado e em cada um se fala uma língua diferente, sem contar os hábitos diferentes etc. Viajar de um país ao outro é muito dispendioso, especialmente nos países ocidentais, embora o sistema de transporte seja confortável, rápido e bem organizado. Por essas razões, em cada país onde temos membros da igreja é preciso realizar-se uma conferência e quase todas as conferências se concentram no verão, por causa das condições mais favoráveis de temperatura. Por isso às vezes acontece haver cada semana uma conferência em lugar e país diferente. Foi esse o caso neste ano.

Tive a possibilidade de assistir a quatro delas com minha família.

Conferências na Iugoslávia

De 29 a 31 de julho, tivemos a conferência italiana, realizada em Bricco Martino, perto de Asti. Quase todos os irmãos italianos estiveram presentes, além dos irmãos Ludwig e Volpp, da Alemanha; Balbach, dos Estados Unidos; o casal Kraus, da Austrália e Catarina, da Hungria. O irmão Balbach dirigiu o culto divino no sábado de manhã após a Escola Sabatina e falou noutras ocasiões. Tivemos o prazer de ouvi-lo pregar em italiano, pois não acontece tão freqüentemente a possibilidade de ouvir um pregador que fale nossa língua, ou faça uma pregação em italiano.

Irmãos presentes à Conferência na Áustria

Juventude italiana

O irmão Kraus falou-nos acerca da obra na Austrália e de suas experiências na Polinésia, Nova Zelândia e Estados Unidos, países que ele acabara de visitar.

No sábado seguinte estivemos em Stara Pazova para a conferência da União Iugoslava, de 5 a 7 de agosto. Naquela cidade perto de Belgrado, nosso Movimento de Reforma tem o maior templo da Europa. Estiveram presentes 600 pessoas. Grande parte dos visitantes eram dos países do Leste, em que não se permite ir aos países ocidentais, e onde eles não têm liberdade para se reunir.

Além dos sermões, estudos e experiências, o coral cantou muitas vezes, pudemos ouvir também a bela música executada pelo sexteto instrumental MARANATA, composto de três violinos, um violoncelo, um clarinete e um fagote. Os membros deste grupo são todos estudantes do conservatório e dois deles já são professores. Também gravaram uma fita cassete, que foi vendida na conferência.

No outro sábado estivemos na Hungria pela primeira vez. A conferência foi realizada nos dias 12 a 13 de agosto. Nossos irmãos lá têm suficiente liberdade de reunião. Compareceram cerca de 100 pessoas, inclusive alguns irmãos de outros países.

Minha família e eu passamos a semana visitando Budapeste, linda capital às margens do Danúbio.

Finalmente nos dirigimos à Áustria, onde se realizou de 19 a 21 de agosto a conferência em Graz. Reunimo-nos numa casa construída pelos irmãos austríacos e dedicada no ano passado. Nela há um salão de culto com aproximadamente 100 lugares, um refeitório e dormitórios. Nessa conferência um jovem casal foi batizado sob forte chuva.

Domingo à tarde fomos visitar um parque nos arredores da cidade.

Após a conferência, voltamos para casa, concluindo nossa viagem. Agradecemos ao Senhor pela proteção que nos deu.

SOMENTE POR HOJE

1. Somente por hoje, serei feliz. Isso pressupõe que o que Abraham Lincoln disse é verdade, isto é, "que muitas pessoas são quase tão felizes quanto o resolvem ser". A felicidade vem do nosso íntimo; não é uma questão de exterioridade.

2. Somente por hoje, procurarei ajustar-me às coisas como elas são, e não procurarei ajustar tudo aos meus próprios desejos. Aceitarei a minha família, os meus negócios e a minha sorte como se me apresentarem, ajustando-me a eles.

3. Somente por hoje cuidarei do meu corpo. Exercitá-lo-ei, tratarei dele, alimentá-lo-ei, não abusarei dele, nem o esquecerei, para que ele seja um mecanismo perfeito sob o meu comando. Aprenderei alguma coisa útil. Não serei um vagabundo mental. Lerei alguma coisa que exija esforço, raciocínio e concentração.

4. Somente por hoje, exercitarei a minha alma de três maneiras: prestarei um bom serviço a alguém sem que ninguém saiba. Farei, pelo menos, duas coisas que não desejo fazer, como William James sugere, apenas como exercício.

5. Somente por hoje, serei agradável. Apresentar-me-ei o melhor que puder, vestir-me-ei o mais corretamente possível, falarei baixo, agirei cortesmente, serei liberal em minhas apreciações, não farei crítica alguma, nem acharei nada errado.

6. Somente por hoje, procurarei viver unicamente durante este dia, sem tentar resolver de uma vez o problema de toda a minha vida. Durante doze horas, posso fazer coisas que me aterrorizariam se tivesse de enfrentá-las durante toda a vida.

7. Somente por hoje, terei um programa. Escreverei o que espero fazer em cada hora. Talvez não o siga exatamente, mas, de qualquer modo, tê-lo-ei. Servirá para eliminar duas pestes — a pressa e a indecisão.

8. Somente por hoje, reservarei meia hora tranqüila unicamente para mim — e repousarei. Nessa meia hora, pensarei em Deus, de modo a adquirir um pouco mais de perspectiva em minha vida.

9. Somente por hoje, não terei medo — não terei medo principalmente de ser feliz, de gozar o que é belo, de amar, nem de pensar se aqueles que eu amo me amam.

PEQUENAS CAUSAS, GRANDES EFEITOS

N. D. Lafuerza

Não se esqueça nunca de que as pequenas causas podem produzir grandes e transcendentais efeitos. O cumprimento delicado, o sorriso amigo e afetuoso, a atenciosa distinção para com todos, e muitos outros pormenores, constituem ponto de contato, que servem para aumentar a influência própria e a estima alheia para conosco.

Um jovem foi visitar um banqueiro a fim de solicitar-lhe um emprego. O banqueiro informou-o de que não havia nenhuma vaga, mas que voltasse outro dia. Ao retirar-se, viu o visitante um alfinete no soalho; então apanhou-o e colocou-o sobre a mesa do gerente.

Esse detalhe foi observado pelo banqueiro, e tão agradável foi a sua impressão que no dia seguinte recebeu o solicitante atento e cortês, dando-lhe bom emprego.

A delicadeza, a cortesia, as palavras amáveis, o reconhecimento dos méritos alheios, tanto como os cartões de visita, distinguem e acreditam facilitando-nos a entrada do coração de nossos semelhantes; quando se conseguir este resultado, nossa influência será decisiva.

Havia na Grécia antiga uma associação chamada Academia dos Silenciosos. O grupo compunha-se de cem membros, apenas, e todos se comprometiam a evitar todo o ruído desnecessário; as reuniões realizavam-se em silêncio e as idéias eram comunicadas por meio de sinais.

Um dia apareceu na reunião um estrangeiro, dando a entender o seu desejo de fazer parte da sociedade. O encarregado de receber os visitantes, querendo fazer compreender ao intruso que não havia nenhuma vaga, mostrou-lhe um recipiente cheio d'água, que não podia receber nem mais uma gota. O aspirante, compreendendo o que lhe queria dizer, fez uma reverência e já se ia retirar quando, subitamente, se detém, vascila, como a pensar, e volta. Os membros, reunidos, ficaram assustados com a atitude do pretendente, mas o homem, tomando uma pétala de rosa, deposita-a com tal cuidado sobre a água da urna que nem uma gota se derramou. Seu engenho e presteza em achar a solução adequada receberam seu prêmio; a Academia dos Silenciosos acrescentou mais um aos seus membros.

Esta historieta pode servir de inspiração aos que desejam ser estimados. Procure achar uma pétala de rosa, isto é, a solução adequada para resolver as dificuldades e os conflitos com que deparar, e você será apreciado e admitido no recinto dos afetos humanos.

ACONSELHAMENTO

"AS PESSOAS QUE NÃO SABEM COMBATER AS PREOCUPAÇÕES MORREM JOVENS."

Um pai de família nos escreve pedindo ajuda. Está imerso em preocupações e desapontamentos. Sofre de úlcera e insônia. Sente-se incapaz de enfrentar a realidade e freqüentemente recolhe-se ansioso e perturbado, a um mundo de sonhos construído por ele mesmo, na tentativa de esquecer os problemas que o afligem. Dale Carnegie, escritor, fala-nos a respeito.

Se eu quiser ver como as preocupações afetam as pessoas, não preciso ir a uma biblioteca ou a um médico. Basta-me olhar através da janela da minha casa, onde estou escrevendo este artigo e ver, um quarteirão além, uma casa na qual as preocupações causaram um colapso nervoso — e uma outra casa em que um homem se preocupou tanto que acabou com diabetes. Quando o mercado do açúcar caiu, o açúcar do seu sangue e da sua urina subiu.

Na ocasião em que Montaigne, o ilustre filósofo francês, foi eleito prefeito da sua cidade natal — Bordéns — declarou aos seus concidadãos: "Desejo tomar os vossos negócios em minhas mãos, mas não no meu fígado e nos meus pulmões."

Um vizinho meu colocou os negócios da bolsa de mercadorias na própria circulação do sangue — e quase se matou.

As preocupações podem colocar-nos numa cadeira de rodas, com reumatismo e artritismo. O dr. Russel L. Cecil, da Escola de Medicina da Universidade de Cornell, é autoridade mundialmente reconhecida em artritismo — e foi quem fêz uma lista das quatro condições que mais freqüentemente produzem essa enfermidade:

1. Naufrágio matrimonial;
2. Desastre financeiro e sofrimento moral;
3. Solidão e preocupações;
4. Ressentimentos longamente alimentados.

Essas quatro situações emocionais estão longe, naturalmente, de constituir as únicas causas do artritismo. Há várias espécies de artritismo, devidas a causas diversas. Mas, para repetir, as quatro condições que mais *freqüentemente* produzem tal enfermidade são as quatro anotadas pelo dr. Russel L. Cecil. Um amigo meu, por exemplo, foi tão duramente atacado por essa doença, durante a depressão de 1929, que a companhia de gás lhe cortou o fornecimento e o banco o impediu de reaver a casa que hipotecara. Sua esposa teve, subitamente, penoso ataque de artritismo e, apesar de remédios e de dietas, a doença persistiu até que melhorou a situação financeira do casal.

As preocupações podem até prejudicar os dentes. O dr. William I. L. McGonigle afirmou, num discurso proferido ante a Associação Americana de Dentistas, que "as emoções desagradáveis, como as originadas pelas preocupações, o medo, as desavenças, podem causar o desequilíbrio de cálcio no organismo, e arruinar os dentes." O dr. McGonigle referiu-se a um dos seus clientes, que sempre tivera dentes perfeitos, até que começou, durante uma enfermidade súbita da esposa, a mostrar-se cheio de preocupações. Durante as três semanas em que ela esteve no hospital, surgiram-lhe nos dentes nove cáries — cáries provocadas pelas preocupações.

Você já viu alguma vez uma pessoa atacada de superatividade da tireóide? Eu já vi, e posso dizer-lhe que tais pessoas tremem, ficam agitadas, com o aspecto de alguém que estivesse tomado de terrível medo — e isso é o máximo a que chega essa doença. A glândula tireóide, que regula a atividade do corpo, desarranja-se. O coração acelera-se — e todo o corpo começa a funcionar a todo o vapor, como uma fornalha que trabalhasse no máximo de pressão. E se tal não for controlado, por meio de operação ou tratamento, a vítima pode morrer, "queimando todo o seu combustível".

Há pouco tempo, fui a Filadélfia em companhia de um amigo que tinha essa doença. Fomos consultar um especialista famoso, um médico que há trinta e oito anos vem tratando essa espécie de enfermidade. E que classe de conselho supõe você que ele tinha pendurado na sua parede da sala de espera — pintado sobre uma grande tabuleta de madeira, de modo que todos os pacientes pudessem lê-lo? Ei-lo aqui. Copiei-o, enquanto esperávamos, no verso de um envelope:

DESCANSO E RECREAÇÃO

As forças mais recreativas e repousantes são uma religião saudável, o sono, a música e o riso. Tenha fé em Deus — Aprenda a dormir bem — Ame a boa música — Veja o lado alegre da vida — E a saúde e a felicidade serão suas.

A primeira pergunta que ele fez ao meu amigo foi: "Qual foi o distúrbio emocional que causou esses sintomas?" Advertiu o meu amigo de que se não deixasse as preocupações de lado, poderia ter outras complicações: perturbações cardíacas, úlceras no estômago, ou diabetes. "Todas essas doenças", disse o eminente

médico, "são primas, primas em primeiro grau." Claro que são primas em primeiro grau — são todas doenças causadas pelas preocupações!

Quando entrevistei Merle Oberon, ela me afirmou que recusava preocupar-se com as coisas porque sabia que as preocupações destruiriam o dote principal de que dispunha para o cinema: o seu agradável aspecto físico.

"Ao tentar, pela primeira vez, entrar para o cinema", confessou-me ela, "sentia-me preocupada, inteiramente amedrontada. Acabara de chegar da Índia e não conhecia ninguém em Londres, onde estava procurando arranjar emprego. Avistei-me com alguns produtores, mas nenhum deles quis dar-me trabalho, e o pouco dinheiro que possuía estava começando a esgotar-se. Durante duas semanas, vivi apenas de biscoitos e água. Já não estava mais preocupada. Estava faminta. Disse, então, a mim mesma: "Talvez você esteja fazendo papel de idiota. Talvez você jamais entre para o cinema. Afinal de contas, você não tem experiência alguma, pois jamais representou. O que mais tem você para oferecer, senão um belo rosto?"

"Aproximei-me do espelho. E, ao olhar naquele espelho, vi o que as preocupações estavam fazendo ao meu belo aspecto! Vi as linhas que principiavam a formar-se em meu rosto — vi a sua expressão angustiada. Disse, então, para mim: "Você precisa parar com isso imediatamente! Você não pode dar-se ao luxo de ter preocupações. A única coisa que você tem para oferecer é o seu aspecto, e as suas preocupações o arruinarão!"

Poucas coisas conseguem envelhecer, azedar tanto o espírito de uma mulher e destruir-lhe tão rapidamente a beleza como as preocupações. As preocupações endurecem a fisionomia. Fazem-nos cerrar os dentes e riscam nosso rosto de rugas. Dão-nos um aspecto permanente de amargura. Podem tornar-se grisalhos os cabelos e, em alguns casos, até mesmo fazê-los cair. Podem arruinar-nos o físico — produzir-nos na pele toda espécie de brotoejas, erupções e espinhas.

As doenças do coração estão hoje, nos Estados Unidos em primeiro lugar na lista de enfermidades fatais. Durante a Segunda Guerra Mundial, quase um terço de milhão de homens foram mortos em combate; mas, durante o mesmo período, as doenças do coração mataram dois milhões de civis — e um milhão dessas mortes foi causado pelas espécies de doenças cardíacas produzidas por preocupações e vida tensa. Sim, as doenças do coração são uma das principais razões que fizeram o dr. Alexis Carrel dizer: "Os homens de negócio que não sabem combater as preocupações, morrem jovens."

Os negros do sul e os chineses raramente apresentam doenças do coração produzidas por preocupação, pois encaram as coisas calmamente. Morrem vinte vezes mais médicos de enfermidades cardíacas, do que agricultores. Os médicos têm vida tensa — e pagam a penalidade.

"O Senhor pode perdoar os nossos pecados", disse William James, "mas o nosso sistema nervoso jamais o faz."

Eis um fato espantoso, quase inacreditável: é maior o número de americanos que se suicidam cada ano do que os que morrem das cinco doenças contagiosas mais comuns.

— Por quê? A resposta é, em grande parte, esta: "Preocupações."

Quando os cruéis guerreiros chineses desejavam torturar os seus prisioneiros, costumavam amarrar os pés e as mãos dos mesmos e colocá-los debaixo de um depósito de água, cujo conteúdo caía, gota a gota, incessantemente, sobre as suas cabeças. Essas gotas de água, caindo, dia e noite, acabavam finalmente por soar como marteladas, enlouquecendo a vítima. Semelhante método de tortura foi usado durante a Inquisição Espanhola e nos campos de concentração alemães, ao tempo de Hitler.

As preocupações são como gotas incessantes de água — e esses pingos ininterruptos levam, muitas vezes, os homens à loucura ou ao suicídio.

Durante o tempo em que eu era um rapazinho do campo, no Missouri, sentia-me terrivelmente amedrontado ao ouvir Billy Sunday descrever as supostas fogueiras infernais do outro mundo. Mas ele jamais se referiu às fogueiras da agonia física que as vítimas de preocupações experimentam de vez em quando. Se você é, por exemplo, uma dessas criaturas crônicamente preocupadas, poderá ser vítima, algum dia, de uma das dores mais excruciantes que o homem jamais experimentou: angina do peito.

Rapaz, se isso algum dia lhe acontecesse, você uivaria de dor. Os seus gritos fariam com que todos os sons descritos no Inferno de Dante se parecessem aos de As Crianças no País dos Brinquedos. Você diria, então, a si próprio: Se eu sobreviver a isto, jamais me preocuparei com coisa alguma — jamais!" (Se você pensa que estou exagerando, pergunte ao médico de sua família).

Você ama a vida? Quer viver bastante e gozar de boa saúde? Eis o que pode fazer. Estou citando de novo o dr. Alexis Carrel: *"Aqueles que conservam a sua paz interior em meio do tumulto da vida moderna estão imunizados contra as doenças nervosas."*

Você pode conservar a sua paz interior em meio do tumulto da vida moderna? Se você for uma pessoa normal, a resposta será: "Posso". "Posso, positivamente". Somos, na maior parte, mais fortes do que imaginamos. Possuímos recursos interiores com os quais, provavelmente, jamais deparamos. Como Thoreau bem o disse em seu livro imortal, *Walden:* "Não conheço fato mais animador do que a capacidade inquestionável do homem de elevar a sua vida mediante um esforço consciente... Se alguém avança confiantemente em direção aos seus sonhos e esforça-se por viver a vida que imaginou, encontrará inesperado êxito em sua existência cotidiana."

Muitos leitores deste artigo possuem, certamente, tanta força de vontade e recursos interiores como Olga K. Jarvey. O endereço dela é: Box 892, Coeur d'Alene, Idaho. Ela descobriu que, mesmo sob as circunstâncias mais trágicas, conseguia afastar as preocupações. Acredito firmemente que você e eu também podemos — se aplicarmos as velhas, velhas verdades discutidas neste livro. Eis aqui a história de Olga K. Jarvey, exatamente como ela a escreveu para mim: "Há oito anos e meio, fui condenada a morrer — uma morte lenta, terrível — de câncer. Os melhores especialistas em câncer do país, os irmãos Mayo, confirmaram a sentença. Eu estava num beco sem saída — o último caminho que se abria à minha frente! Era jovem, e não queria morrer! No meu desespero, telefonei ao meu médico, em Kellogg, e contei-lhe, em pranto, o meu desespero. Em tom um tanto impaciente, ele me censurou: "Mas o que é isso, Olga, você não possui nenhum espírito de luta? Não há dúvida de que você morrerá, se continuar chorando. Aconteceu a você o pior? Muito bem: enfrente os fatos! Deixe de lado as preocupações! E, depois faça alguma coisa para remediar a situação!" Desde esse momento, fiz um juramento, um juramento solene, partido do íntimo do coração: "Não me vou preocupar! Não vou chorar! E se há alguma coisa superior à matéria, irei vencer! Irei viver!"

"A quantidade usual de raio X, em casos adiantados, como era o meu, nos quais o rádio não pode ser aplicado, é de 10 minutos e meio por dia, durante 30 dias. Submeteram-me ao raio X durante 14 minutos e meio por dia, durante 49 dias — e embora os meus ossos saíssem do meu corpo macilento como pedras pontiagudas numa colina sem vegetação, e os meus pés pesassem como chumbo, eu não me importava! Não chorei uma vez sequer! Costumava sorrir! Sim, na verdade eu *me* obrigava a sorrir.

"Não sou tão tola que imagine que simplesmente sorrisos possam curar o câncer. Mas creio que uma atitude mental alegre ajude o corpo a combater a doença. Seja como for, experimentei uma das curas milagrosas do câncer. Jamais gozei de melhor saúde de que nos últimos anos, graças às palavras de desafio, de luta, proferidas pelo dr. McCaffery: "Enfrente os fatos: deixe as preocupações de lado; depois faça alguma coisa para remediar a situação!"

Vou encerrar este artigo repetindo o seu título — as palavras do dr. Alexis Carrel: As pessoas que não sabem combater as preocupações, morrem jovens."

CINCO EXORTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Norman Vincent

1. **Não dê a seus filhos muitas coisas.** Numa sociedade tolerante e abastada como a nossa, este é um conselho que a maioria dos pais terá muita dificuldade em seguir. Quando há fascinantes brinquedos e bugigangas à disposição — e dinheiro para comprá-los — quando os pais amam os filhos e desejam que eles se sintam felizes, a pressão para dar-lhes coisas é constante e enorme. E quando existe, por parte dos pais, um sentimento incômodo de que não se estão conduzindo bem na criação dos filhos, então, um fator de culpa pode tornar o volume de presentes ainda mais insensato e intenso.

A verdade é que muitas coisas não levam à felicidade, mas ao tédio. Foi Thoreau, penso eu, quem disse que um homem é rico na medida daquilo que pode fazer sem nada possuir. De acordo com o mesmo paradoxo, uma criança poderá ser muito pobre se seus pais lhe derem muitas coisas.

Quando se dá muitas coisas às crianças, facilmente, várias coisas acontecem — todas elas más.

Elas perdem, pelas coisas, a alegria da prelibação, o quase insuportável prazer-dor de aguardar esperançosamente, desejando saber se o objeto há tanto tempo cobiçado chegará algum dia. Eu me recordo, vividamente, de haver passado por isto quando menino, em Ohio. Meu irmão e eu, havia muito desejávamos uma bicicleta — não uma para cada um (o que estava muito além de nossos melhores sonhos), mas uma bicicleta em que ambos pudéssemos passear. Na família de um pastor de cidade pequena, uma bicicleta representa uma séria despesa. Disseram-nos que um dia teríamos uma bicicleta, mas ninguém sabia quando. Então nós aguardamos, esperançosamente. E sonhamos.

Passaram-se meses — que de fato me pareceram anos. Um dia nos disseram que a bicicleta estava a caminho. De segunda mão, é verdade, mas real, em bom estado, com duas rodas. Lembro-me de como corremos, meu irmão e eu, pela rua da estação abaixo, tremendo de expectativa.

Lembro-me de como meu coração batia enquanto o trem chegava. Não sei como não desmaiamos quando a caixa em que a bicicleta vinha embalada foi, finalmente, desembarcada. Que criança americana moderna sentirá tal emoção?

Outra capacidade que a criança bombardeada com presentes pode perder é a engenhosidade. Quando não há diversões, a criança normal inventa-as. Na minha infância os meninos dedicavam horas incontáveis fazendo patinetes de madeira com rodas de patins e "carro de corrida" com caixotes, a que se adaptavam rodas de triciclos abandonados. Eram toscos se os compararmos com os brinquedos modernos, mas nós nos orgulhávamos deles. Fazíamos "papagaios" com papel de jornal colado a varetas de madeira. Eram coisas feitas em casa, mas voavam. Quando queríamos alguma coisa "comprada na loja", tínhamos, em geral, de ganhar o dinheiro necessário aparando grama e distribuindo jornais. Incidentalmente, esta convicção de que é preciso trabalhar para obter o que se deseja permanece com quase todos nós desde então.

O fato é que havia, em tudo isso, uma espécie de disciplina interior que as crianças de hoje não mais possuem. Parece-me, às vezes, que cada nova invenção traz consigo uma invisível etiqueta de preço. A televisão, por certo, é uma grande maravilha; ela revolucionou as comunicações; mas a criança que a ela se habitua aprenderá, algum dia, realmente, a ler? Buscará ela, algum dia, entretenimento e ilustração numa biblioteca, quando pode ter distração tão monótona e previsível quanto goma de mascar, apenas girando um comutador? Duvido.

Ninguém, certamente, irá retroceder os ponteiros do relógio no tocante a essas coisas. Vivemos numa sociedade materialista, onde enormes somas de dinheiro são investidas, todos os dias, por pessoas que têm um interesse palpável em que desejemos comprar mais de tudo: mais carros, mais refrigeradores, mais maquinismos, mais brinquedos, porém um pai disciplinado deve estar consciente do problema e fazer o possível por reduzi-lo. Algum dia seus filhos lhe serão gratos por isso.

2. **Não os sobrecarregue com seus próprios receios, preconceitos e frustrações.** Esta é uma falta muito comum entre os pais. Já vi muitos casos de discórdia matrimonial em que a esposa fora educada, pela mãe, a considerar que sexo era coisa pecaminosa e desagradável, tornando-se, assim, incapaz de ser uma esposa real. Já tenho visto muitos homens empurrados a uma carreira errada por pais que desejavam ver seus filhos obterem êxito onde eles haviam fracassado. Já vi muitas mães buscarem compensação para sua ausência de êxito social, fazendo de

suas filhas borboletas da sociedade. Um instinto teatral frustrado, deslocando sobre algumas crianças desventuradas é um fenômeno terrivelmente familiar em Hollywood, onde quase qualquer pessoa lhe poderá dizer que, muito freqüentemente, as mães dos atores infantis são insaciáveis em sua sede de aplauso e reconhecimento.

Desse modo, se você tem fortes ambições para seus filhos, examine-as cuidadosamente e certifique-se de que não são elas reflexos dos seus próprios desejos ocultos. Muitos professores já me disseram que o aumento da "cola" nas salas de aula é, parcialmente, o resultado de intensa pressão paterna para que as crianças obtenham boas notas, não importa como. A corriqueira e curiosa tendência de impelir as meninas a uma absurda maturidade, muito antes de ser isso correto ou natural — maquilagem aos onze e saltos altos aos doze — representam, por certo, uma ambição deslocada, por parte da mãe, que deseja, de algum modo obscuro, reviver seus próprios tempos românticos a ponto de não poder esperar que o processo, na idade própria, se complete. Na semana passada, recebi uma carta de uma desnorteada menina de treze anos, preocupada porque, indo encontrar-se com sua mãe num restaurante, levou consigo uma amiguinha. A mãe, que se achava com duas senhoras de sua idade, censurou a filha, severamente, por haver aparecido com uma amiga e não com um amigo. A crítica, aparentemente, se destinava a impressionar suas amigas com a precocidade sexual e os dotes atraentes de sua filha — uma distorcida forma de auto-sustentação.

É bom lembrar que o medo é contagioso, os preconceitos são contagiosos e que certamente, todas as emoções deformadas são contagiosas, especialmente quando se trata de crianças impressionáveis. Por isso, não algeme seu filho com os grilhões psicológicos e emocionais que você forjou em sua própria vida.

3. **Não proteja em demasia.** Nada retarda mais drasticamente a maturidade das crianças do que amor exagerado. Ivy Baker Priest, antigo diretor do Tesouro dos Estados Unidos, disse-me certa vez que seu pai, que criou com êxito uma grande família, costumava dizer: "Dê a todas as crianças uma grande e boa dose de independência." Nada atrofia mais rapidamente a capacidade de auto-realização do que um pai que se recusa a permitir que a criança tome qualquer decisão ou, mesmo, que cometa um erro ocasional. Erros podem ser bons mestres.

É claro que, se a criança propõe algo insensato ou perigoso, você precisa dizer não. Mas eu já notei que, quando se trata de atividades perigosas, o corpo humano dispõe de uma espécie de sabedoria própria que aplica os freios, em caso de necessidade. Uma criança afoita pode trepar numa árvore, cair e quebrar um braço — existe algum risco inerente a tudo. Não é provável, contudo, que a mesma criança vá dar cambalhotas à beira de um precipício, ou tente acariciar uma cascavel. Na verdade, você pode afirmar que a criança superprotegida tem mais possibilidade de ferir-se do que a criança menos amparada, porque ela não aprendeu, por experiência própria, o que é possível fazer com segurança.

Crianças superamparadas, que estão constantemente a ouvir: "Você não pode fazer isto", ou "Você precisa fazer aquilo", são aptas a contrair um complexo de inferioridade de primeira classe. Afinal de contas, se os deuses do seu pequeno mundo vivem decantando a sua incapacidade, quem são elas para contrariá-los? Desse modo, quando elas crescem, sua insegurança a respeito de si mesmas cresce consigo.

Em certas ocasiões, uma simples negativa ou observação depreciativa pode causar enorme dano à criança quanto ao respeito de si mesma.

Nunca me esqueço de um caso que me foi narrado pelo famoso novelista A. J. Cronin. Disse-me ele que quando era apenas jovem estudante de medicina (já era médico quando se tornou escritor), tinha um professor de cirurgia áspero, franco e crítico. Um dia esse homem deteve Cronin no vestíbulo e disse-lhe que o seu desempenho era desencorajador, que poderia vir a ser um razoável crítico, mas que jamais seria um cirurgião. Cronin deu-lhe crédito.

Depois disso, o jovem médico transferiu-se para uma aldeia remota, nas montanhas da Escócia, para praticar. Ele era o único médico num raio de muitas milhas. Certo dia de inverno, com as estradas bloqueadas por gelo e neve, uma árvore caiu sobre o filho do pastor local, quebrou-lhe a espinha, e paralisou-o. Cronin sabia que era indispensável operar; sem isto, a paralisia seria permanente. Mas recordava-se do que lhe dissera o professor e tinha receio de assumir o risco, porque o mais leve deslize poderia significar a morte para o rapaz.

O próprio pastor insistia com Cronin para que o operasse. Oraria por ele, dizia. Deus ajudaria. Cronin continuou recusando. "Tudo de que me podia lembrar" disse-me ele, "era a face daquele homem dizendo-me que eu nunca poderia ser um cirurgião.

Então, algo aconteceu. Penso que o que aconteceu foi uma resposta às preces do pastor. Mas Cronin descreveu-o como uma cólera súbita. "Pela primeira vez", disse, "eu questionei a validade do veredito daquele homem. Quem era ele para dizer-me o que eu poderia ou não fazer? Uma espécie de fúria apossou-se de mim e lançou fora as dúvidas e os receios. Eu sabia que poderia operar com êxito. E, com a ajuda de Deus, o consegui!".

Confiança — eis uma das bases principais da auto-responsabilidade. Sem confiança, as pessoas evitarão a responsabilidade, porque duvidam de sua própria capacidade para arcarem com ela.

À proporção que nossos filhos cresciam, eu tratava de atribuir-lhes cada vez mais responsabilidade. No tocante a dinheiro, por exemplo, Ruth dava-lhes uma verba para suas principais necessidades; roupas, passagens, diversões, e assim por diante. Se administravam mal seu dinheiro, pior para eles: não recebiam mais. Em realidade, nenhuma das crianças utilizava seu dinheiro do mesmo modo. Margareth era conservadora, econômica. John era perdulário em coisas como livros e discos de vitrola, freqüentemente em prejuízo de sua

aparência, pois não queria "desperdiçar" dinheiro em roupas. Elizabeth ficava habitualmente sem tostão muito antes de seu próximo "dia de pagamento". Mas nenhuma das crianças tentou jamais obter mais dinheiro de nós e todos eles são, hoje, bons administradores de seu dinheiro.

Avalie a capacidade de seus filhos para arcar com responsabilidade, atribua-lhes essa responsabilidade e deixe-os agir por conta própria. Eles queimarão os dedos de vez em quando, mas isto você poderá anotar como dores do crescimento. Afinal de contas, nada ensina autocontrole mais rapidamente do que algumas lições bem aprendidas!

4. **No tocante à disciplina, não vacile.** Nada perturba mais uma criança do que um pai que é severo num minuto e complacente no próximo. Elas desejam leis justas, mas também desejam constância na aplicação dessas leis. Se as regras parecem mudar de um dia para outro, quem poderá culpá-los por se tornarem ressentidos e confusos?

Meu amigo psiquiatra Smiley Blanton, que durante anos especializou-se em orientação infantil, tem apenas uma regra para os pais, nesta área: "Nunca dê a uma criança uma ordem desnecessária, mas quando a der seja inflexível!"

Muitos de nós, pais, penso eu, aderimos ao "Não" parcial ou condicional. "Se você precisa fumar", dizemos atentamente aos nossos adolescentes, "prefiro que você o faça em casa". Que espécie de orientação é essa? Por que não lhes dizemos francamente: "Enquanto você não atingir a maioridade, eu sou responsável pela sua saúde e pela sua conduta. Está provado cientificamente que o fumo é extremamente prejudicial a você. Portanto, digo-lhe que não fume!"

Eles se rebelarão e fumarão, de qualquer maneira? Possivelmente. Mas provavelmente, não. Eles desejam desesperadamente ligar sua fidelidade a algo sólido. Quem poderá culpá-los por ficarem consternados quando verificam que sua trave de engate está vagando solta pelo curral?

5. **Não sufoque seu talento para a religião.** Poderá tratar-se de uma fase estranha, mas eu creio que as crianças possuem uma capacidade instintiva para a fé, uma simplicidade que torna fácil, para elas, acreditar em Deus, uma sensibilidade para o papel do amor nos assuntos humanos, que, afinal de contas, é o ensinamento básico do Cristianismo. Esses atributos são freqüentemente enfraquecidos ou golpeados por pais que fazem da religião uma coisa sem vida ou proibida, ou mesmo algo que se deva evitar.

Como poderá você ajudá-las a preservar seu talento para a religião? Primeiramente, é preciso que você próprio acredite que vale a pena ser religioso, vivendo e agindo de conformidade com essa crença. Nesta área, mais do que em qualquer outra, é fatal dizer para a criança: "Faça o que eu digo e não faça o que eu faço." Mas há, também, muitas pequenas coisas que você pode fazer.

Quando você falar a respeito de Deus, faça-o como se Ele fosse um companheiro capaz de ajudar, o que Ele é, e não como se fosse um pavoroso Anotador de Transgressões, inclinado à vingança e à punição. Se vocês orarem juntos, não enfade as crianças com longas e arcaicas orações repetidas interminavelmente. Torne suas orações curtas e intensas conversações com Deus. Ore sobre os problemas das crianças e não sobre os seus. Tente fazer com que elas vejam que orar não é apenas uma recitação vazia e destituída de sentido, de coisas que Deus já sabe, mas, como disse Emerson, "um modo de olhar para as coisas do mais alto ponto de vista possível."

Dê graças a Deus na hora das refeições, mas estabeleça para isso um revezamento, permitindo que cada membro da família fale com Deus à sua própria maneira. As orações tradicionais de agradecimento são muito bonitas e melodiosas, mas para uma criança podem tornar-se muito monótonas e sem significado.

Aprendam alguns dos velhos hinos e cantem-nos juntos... Você ficará surpreso de ver quão vigorosos alguns deles são.

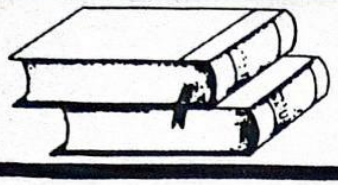
Se as crianças estão na idade em que se lhes contam histórias na hora de dormir, conte-lhes algumas velhas histórias da Bíblia, usando suas próprias palavras. A Bíblia está cheia de grandes e ressonantes histórias de batalha, ternas histórias de amor, absorventes, como a de Daniel na cova dos leões ou Jonas e a baleia, cataclismos como o do Mar Vermelho tragando os exércitos de Faraó, ou a queda das muralhas de Jericó. Não foi sem razão que essas histórias duraram milhares de anos.

Eu tenho uma versão moderna do combate entre Davi e Golias que uso de vez em quando em um sermão quando penso que a congregação está cochilando e ela nunca falha; eles acordam logo. Histórias como essas ajudam as crianças a absorver uma fé que as ajuda a tomar úteis decisões morais, como homens livres, mais tarde.

Procure fazer da religião uma parte natural da vida, como comer ou respirar. Tente fazer com que as crianças vejam que, embora ela seja exigente, não precisa ser lúgubre, beata ou insípida. A Bíblia não é um livro triste nem recomenda tristeza. Pelo contrário, "Regozijai-vos..." diz ela, "e outra vez eu vos digo: Regozijai-vos!"

De fato, as três grandes palavras do Novo Testamento são alegria — alegria — alegria. Jesus disse: "Em verdade vos digo que Minha alegria deve permanecer em vós e que vossa alegria deve ser completa." O Cristianismo começou com cânticos nas planícies de Belém e o Novo Testamento termina com uma grande multidão que homem algum poderia enumerar. E eles estavam cantando. E há cânticos através de todo o Novo Testamento — cânticos na dor, cânticos na adversidade, cânticos até mesmo na morte como disse um velho escritor. "Há no Cristianismo alguma coisa semelhante ao canto da cotovia e ao murmúrio dos regatos."

Uma coisa mais: creio que um pai deve orar pelos seus filhos e fazer com que eles saibam disso. A oração dessa espécie, estou convencido, forma uma espécie de envelope invisível que os envolve onde quer que eles estejam, e se eles forem sensíveis perceberão sua confortadora presença. E isso pode também, às vezes, impedi-los de agir contra o bom-senso, a sabedoria, ou a ética. É difícil desapontar deliberadamente alguém que lhe diz que tem o hábito de orar por você. Se você não acredita nisso, tente-o alguma vez!



CONSULTORIA
BÍBLICO-DOUTRINÁRIA

SANTO SUDÁRIO:
UMA SIMPLES RELÍQUIA MEDIEVAL

"Qual a vossa posição sobre aquele lençol de linho chamado pela Igreja Católica de Santo Sudário? É realmente autêntico, ou é um truque?" — Albino S. F., Joaçaba, SC.

JBS

A autenticidade do Santo Sudário ou Santo Síndone, uma peça de linho cru, medindo 4,36 metros de comprimento por 1,10 metros de largura, em cujo tecido se supõe teria sido envolto o corpo de Cristo ao descer da cruz — foi recentemente posta à prova. Milhares de católicos tiveram sua fé abalada com os esclarecimentos divulgados pela imprensa de todo o mundo no mês de outubro do corrente ano. A questão que se vinha desenrolando há quase oito séculos, e ultimamente vinha atormentando a cúpula da Igreja Romana, finalmente foi elucidada. O próprio Vaticano, representado na pessoa do cardeal-arcebispo da cidade italiana de Turim, Anastácio Ballestrero, fez questão de anunciar o resultado oficial dos testes científicos levados a efeito pelas universidades de Oxford (Inglaterra), Arizona (Estados Unidos) e Zurique (Suíça): O sudário não passa de uma simples relíquia da Idade Média.

Testes de Carbono 14 — exame utilizado para descobrir a idade de achados arqueológicos — em fragmentos do manto, a suposta mortalha de Cristo, comprovaram que o tecido fora fabricado entre os anos 1260 e 1390 da era cristã, pelo menos doze séculos depois da morte do fundador do Cristianismo. Seria incorrer em flagrante anacronismo afirmar que Cristo teria sido envolto num lençol manufaturado na Idade Média.

Mesmo assim alguns insistem em alegar que há poucas evidências de que a imagem impressa no linho seja produto de uma pintura. Fortalecendo este ponto de vista, com a ajuda de um computador, os cientistas reproduziram uma imagem digital que mostra sinais de hemoglobina no Sudário — portanto, as "manchas", em três dimensões, que formam a figura do homem crucificado seriam realmente sangue. Tendo apenas setecentos anos de idade, o sudário plausivelmente deve-se tratar da mortalha de algum cadáver do século XIII ou XIV. Não se descarta também a possibilidade, ainda que remota, de que o manto sagrado seja uma pintura genial feita por alguém possuidor de técnica avançadíssima.

O arcebispo de Turim é forçado a reconhecer que o "sudário é uma falsificação," embora afirme que os fiéis vêem nele o valor da imagem, que "é mais importante do que o objeto histórico." "O Sudário agora é um ícone, e os ícones são importantes para a tradição católica", concluiu Ballestrero, ignorando todos os conceitos escriturísticos contrários à idolatria, isto é, a adoração de qualquer espécie de pessoa ou objeto, a não ser Deus, o Senhor (Êxodo 20:4-6; Lv 26:1; Sl 97:7).

Fontes consultadas:
OESP 14/10/88, p. 9
Veja 19/10/88, p.91

A PRESENÇA DE CRISTO

E. G. White

Homens e mulheres podem atingir o ideal de Deus a seu respeito, se tomarem a Cristo como seu ajudador. O que a sabedoria humana não pode fazer, a Sua graça realizará pelos que a Ele se entregarem em amorosa confiança. Sua providência pode unir corações com laços de origem celestial. O amor não será mera troca de suaves e lisonjeiras palavras. O tear do Céu tece com trama e urdidura mais fina, não obstante mais firme, do que se pode tecer nos teares da Terra. O resultado não é um tecido débil, mas sim, capaz de resistir a fadigas e provas. Coração unir-se-á a coração nos áureos vínculos de um amor perdurável.

Unicamente a presença de Cristo pode tornar homens e mulheres felizes. Todas as águas comuns da vida, Cristo pode transformar em vinho do Céu.